

PARA QUÊ?

POR que não havemos nós de preencher este espaço, a manifestar, como é de uso, os nossos agradecimentos aos leitores, pela forma «amável», «entusiástica», etc., como receberam o «Riso Mundial»?

Por que motivo havemos nós de afirmar que ficámos admirados com a venda assombrosa do 1.º número do «Riso Mundial»?

Por que causa havemos nós de julgar que estamos a caminho do triunfo, considerando-nos o «melhor do mundo»... depois do Benfica?

Não, leitor amigo, estes agradecimentos, estas afirmações e estas prosápias, não têm cabimento no «Riso Mundial».

Se de facto gostaram do 1.º número, digam-nos se também gostam do 2.º; se não gostaram... digam-nos também. Só assim, de número para número, poderemos contentar gregos, troianos e ru... romanos.

E, acreditem, que ficaremos muito satisfeitos por constituirmos uma minúscula «ONU» do riso, a única «coisa» que não contribui para a DES...ONU.

«RISO MUNDIAL» mereceu de toda a Imprensa as melhores referências. Como o pensamento é livre, e os gostos não se discutem, obrigado pelas palavras gastas connosco.

O NOSSO CONCURSO «HÁ HORAS FELIZES» foi um estrondoso sucesso!

E STÁVAMOS longe de supor que os nossos

leitores se fossem habilitar com tanto entusiasmo ao concurso «Há Horas Felizes», que lançámos no primeiro número.

No próprio dia em que o «Riso Mundial» veio para a rua, recebemos muitas dezenas de boletins, tendo atingido, até ao último dia do prazo de entrega — no domingo —, a cifra dos milhares.

Na presença do Director, do Proprietário, e de alguns concorrentes, o envelope mistério foi fechado e lacrado na passada sexta-feira, e aberto com a mesma assistência, ás 22 ho-

ras de Domingo, na nossa Redacção.

À hora desta notícia ir para a máquina, estamos conferindo os boletins, trabalho que mobilizou todo o pessoal que trabalha no «Riso».

Em últimas notícias publicaremos o número que estava encerrado no envelope e o nome e morada do possível vencedor.

Esta semana inserimos outro boletim, e amanhã, sexta-feira, ás 17,30 h., proceder-se-á ao encerramento do envelope, que será aberto no domingo ás 22 horas, também na Redacção.

O leitor não terá mais do que preencher o boletim e enviá-lo até essa hora para «Riso Mundial», Rua da Misericórdia, n.º 14, Lisboa.

Automáticamente habilita-se ao prémio de 1.000\$ (um conto: duas notas de quinhentos, dez de cem escudos, vinte de cinquenta, cinquenta de vinte, cem moedas de dez, duzentas de cinco escudos, quatrocentas de vinte e cinco tostões, mil de dez, duas mil de «c'rôa», etc., etc., até aos meio-tostões...).

HUMOR LOUCO

AO TELEFONE

- Está lá?
- Está lá?
- Quem fala?
- Quem fala?
- Daqui é o Mendes!
- Daqui é o Mendes!
- O Mendes sou eu!
- O Mendes sou eu!
- Está a brincar comigo?
- Está a brincar comigo?
- Você é parvo!
- Você é parvo!
- Estúpido!
- Estúpido!

(Consequência dum papagaio ter aprendido a atender um telefone).

O CONSULTÓRIO

- Vou auscultá-la!
- Muito bem!
- Tire a blusa!
- Muito bem!
- Tire a combinação!
- Muito bem!
-
- Muito bem!
-
- Malcriado!

(Conclusão: a consulente está de perfeita saúde!).

OPINIÕES DO SENHOR SARAMAGO

Ora cá estou eu! Não serão palavras inuteis o que de hoje em diante lhes passarei a contar.

São factos! E contra factos só os factores da C. P.

**EU SOU O SENHOR
SARAMAGO**

(o homem dos maus figados)

★

Há por aí uns senhores, que darg cá por fora com rótulo andam cá por fora com rótulo de engraçados, sendo a sua graça uma tristeza.

Estes fulanos, entendem por bem que uma senhora ou grupo de senhoras que por pé deles passe, são obrigadas a covir as maiores baboseiras.

Não seria muito mais decente que tais cavalheiros —

made in Portugal — em vez de perderem tempo a deitar cá para fora frases inuteis, metessem lá para dentro um pouquinho mais de compreensão e deixassem duma vez para sempre, passar quem passa. Não seria muito melhor que perdessem a mania de tais frases que julgam bem «desarrincadas»?

Deixem-se disso, e reparem que as barbas da cara, não cresceram só com o fim de serem cortadas...

OUTRO LAPSO

A anedota desenhada, por nós inserida no n.º 1, foi transcrita da revista americana «Collier's».

«O seu a seu dono»...



CASTANHOLAS

DO RISO N.º 1

Devido a um salto tipográfico, não inserimos, nesta secção, o nome do jornal donde foram extraídos os artigos: «Os Alquimistas», «Caim e Abel» e «Diário dum Tímido».

Foram condensados, traduzidos e adaptados do semanário humorístico espanhol «La Codorniz».

O seu a seu dono...

As nossas desculpas

Graça doutros tempos

O MACARRÃO À ITALIANA

UM desastre de que fui vítima por pouco me não forçou a interromper, talvez para sempre, os meus contos e crónicas.

Nunca eu tivesse ido jantar a casa do Temudo! Mas ele tanto instou, que não tive outro remédio senão ceder.

O Temudo é um pobre diabo que tem a mania de dar jantares e «soirées». Todas as semanas, ás quinta-feiras, dá chá e bolos. Chama ele a isto «receber».

Aqui para nós, é claro, eu não sei como é que o Temudo se governa, porque o ordenado não é grande e tem de sustentar: a mulher, três filhas, uma criada e um cão felpudo, ou sejam seis pessoas de família.

Para mais ajuda, o Temudo vive em permanente desacordo com a D. Eulália, sua consorte, e nunca compreendeu porque razão, tendo ele a pouca sorte de ser casado, continua a ser «consorte».

Quando o Temudo dá jantares, o sogro é quem empresta a toalha de linho e os talheres, a tia da D. Eulália, empresta os candelabros e o Sousa, padrinho do casamento, empresta dez mil reis.

Chegara o dia do tal jantar. A mesa, a D. Eulália, dava a direita

por
Chagas Roquette

ao major Freitas. A' direita do Temudo, sentara-se uma velhota com cara de homem feio. Ao meu lado a Micas, a filha mais nova do Temudo, que está para casar com um cadete, que ocupava o lugar fronteiro ao meu, e que durante o jantar, se fartou de me pisar os calos, na suposição de estar em contacto pedestre com a Micas. Tive de recorrer a um discreto pontapé nas canelas do cadete, para defesa das gáspeas das minhas botas.

O Freitas comia muito e falava pouco. Nos raros momentos em que parava de mastigar, mandava cá fora a língua em missão de lispesa á bigodeira; que no aproveitar é que está o ganho.

O esófago do Freitas prestava-se a um estudo interessante pois que, á semelhança das modernas armas automáticas, aproveita os gases de detonação para a introdução de novo cartucho. Quando o Freitas come uma azeitona, dá um arrote, o caroço salta para o prato e logo outra azeitona

vai ocupar o lugar da que ele acabou de engulir.

Mas vamos ao caso do macarrão á italiana.

O macarrão estava quase cru e deliciosamente detestável. Por forçada cerimónia, enguli meia duzia de tubos que ficaram ao alto, no estomago. Daí, a sensação de ter engulido um Orgão da Sé.

No momento de me levantar da mesa, os canudos desceram um pouco e começou então o meu martírio.

Aproximei-me da Quincas, a filha mais velha de Temudo, e á custa dum enorme esforço, consegui curvar-me para lhe oferecer o meu braço. Os macarrões haviam cedido, mas, quando novamente pretendi endireitar-me, os malditos recusaram-se.

Momentos depois, eu era conduzido num automóvel para minha casa e logo foi chamado o médico, que exigiu uma conferência com dois colegas.

Sujeitaram-me aos raios X. A radioscopia permitiu que se visse os macarrões, agora curvos, e que me forçavam a manter a posição de uma pescadinha com o rabo na boca.

Discutiram os três sábios o estranho caso e logo foi resolvido que eu bebesse três litros de água destilada. Em seguida, meteram-me numa tina com água a ferver. Ao cabo de duas horas eu estava livre de perigo. O macarrão cozera a banho-maria!

(Condensado do livro de Chagas Roquette: «Coisas Minhas»)

AÍ VAI A RESPOSTA!

ESTA secção destina-se a dar uma apreciação sobre os originais enviados pelos leitores, com destino a serem publicados no nosso jornal.

Não podemos deixar porém de prevenir os estimados humoristas da nossa praça, de que devem ler o que escrevem e ter em mente as seguintes condições básicas para poderem ver publicados os vossos escritos:

1.º — O artigo, (conto, versos, peça, reportagem, etc.), tem que ter graça, pois para falta de piada já bem basta a dos da «casa»...

2.º — Tem que ser escrito com todos os preceitos das regras gramaticais, pois quem não sabe ortografia, não pode escrever direito por linhas tortas.

3.º — Cuidado com o assunto a tratar! Deixem a imoralidade ao cuidado dos deuses dos vestidos de verão...

Nada de bulir na Religião,

nem na Política, porque cada qual tem as suas e são assuntos demasiado sérios para se fazer graça com eles:

4.º — Não se impacientem com a falta de resposta, que a seu tempo virá. Não escrevam artigos compridos e não peçam a devolução de originais.

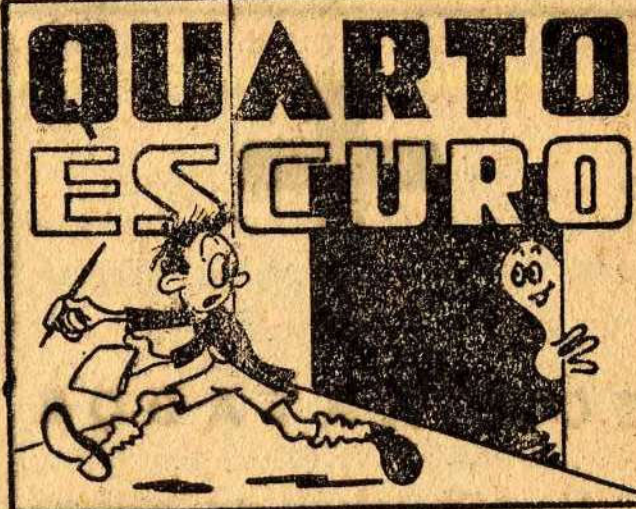
5.º — O pelágio é uma coisa muito feia. E' um «roubo», em qualquer caso. Não nos venham contar a «história do pai que tinha três filhas e a do meio era careca», como sendo de vossa autoria...

6.º — Evitem assinar com pseudónimo. Tem muito mais graça saber quem é o engraçado...

7.º — Enviem toda a vossa colaboração ao cuidado de Mário de Meneses Santos ou ao chefe da redacção, que vem a dar no mesmo.

8.º — E' para dizer que já está tudo dito.

E pronto! Está o consultório aberto!



HÁ muito que a Imprensa, a Rádio e a Opinião Pública, reclamava contra esse verdadeiro negócio escuro explorado pelos «meninos» contratadores.

Pois quando já se haviam perdido todas as esperanças e nos resignáramos a suportar essa casta abastada, que nos esportulava as algibeiras com os seus 20 e mais %, sua Excelência o sr. Ministro do Interior, publicou um decreto que extermina tal praga, duma vez para sempre!

Medida tão justa e tornada de há muito tempo mais que urgente, virá encontrar o apoio unânime dos frequentadores de salas de espectáculos e de outros divertimentos.

Mas a propósito cabe nesta secção lembrar um caso de Mercado Negro de bilhetes, que, urge, se esclareça e se remedeie, quanto antes; o dos lugares para os desafios internacionais, no Estádio Nacional.

Quando do Portugal-Inglaterra, mandou a Federação dos Desportos, que se fizesse um inquérito para averiguar as causas de certas manifestações anti-desportivas, postas em prática pelos seleccionados do nosso grupo.

Esta questão, apaixonou o publico em geral, que aguardava em seguida, um outro inquérito á volta do tema: «Para onde foram parar os bilhetes que davam direito a assistir ao desafio?»

Ora, o assunto perdeu a sua actualidade, porque a época do futebol está no fim, e o Portugal-Inglaterra, de triste memória, deve ser esquecido.

No entanto, há «meninos» que estão a precisar de «Quarto Escuro», e nós temos esperanças de que as coisas para a próxima temporada, tomem um rumo direito, pois na nossa terra tudo se faz lentamente, mas faz-se e «Deva-gar se vai ao longe», ou «Mais vale tarde, que nunca»...

Oxalá frutifique o exemplo de Sua Excelência o sr. Ministro do Interior! Vamos a mandar para o «Quarto Escuro», esses «meninos» contratadores de ocasião, que não usam chapa nem boné, mas que aprenderam a matéria sobre «exploração», com os «diplomados», agora extintos para sempre!

ETERNA QUESTÃO



— Oh, seu patife! Então isto são horas de vir para casa?

— Que queres tu, os cafés já estão todos fechados!

(De «A PARÓDIA»)

**HABILITE-SE
A 1.000\$00**



CONTRATADOR

Os bilheteiros, os empresários, os seus satélites e demais família, participam o falecimento do seu melhor amigo, e que o funeral se realizará no dia 1 de Julho para o cemitério dos que «não fazem cá falta»...

Fomos, o público e nós, surpreendidos por esta agradável participação necrológica, des... incluída em todos os jornais, em termos absolutamente diferentes.

A Redacção do «Riso Mundial» não podia ficar alheia á morte desejada desta praga indesejada. Por isso, nomearam para a reportagem do funeral, com a antecipada certeza de que ela revestiria aspectos sensacionais, uma vez que, junto da campa, discursariam os representantes de algumas classes trabalhadeiras ligadas á classe exploradora do morto.

★

O meu relógio marcava as horas certas, mais cinco minutos, que é quanto anda adiantado.

O cortejo funebre do «contratador» era aflitivo. Muito... pouca gente, e essa mesmo constituída por empresários ou seus representantes, bilheteiros e meia dúzia de pessoas que só compravam bilhetes ao morto para botarem figura e... não serem iguais aos outros.

Á porta do cemitério o féretro passou á frente de todos. Mesmo depois de morto, o contratador era seguido, como em vida, por aqueles que dele tanto tinham precisado.

Chegámos finalmente á cova aberta pelo despacho que o «despachou».

Depois das cerimónias da praxe, em palavras breves, vários oradores gastaram o cuspido deles e a paciência nossa em alocuções que transcrevemos a seguir.

Em nome das empresas, e muito particularmente das de teatros, falou o Sr. Xi Pêteo.

Disse:

— Senhoras e Senhores! Presentes e ausentes que alguma vez lidaram com o contratador.

«Morreu o nosso melhor amigo (N. R.: dêles está vis-

to), aquele que sempre nos valeu nas horas aflitivas da montagem duma peça, ou no pagamento de certas contas.

Morreu aquele de quem tantos benefícios adviemos. Só ele sabia receber com as duas mãos e dar... com uma só.

Repousa, amigo, na cova funda e não te lembres jámais daquela quantia calada que me emprestaste, mas que eu ainda te não pude pagar (e, baixando a voz)... e agora já não pago».

As lágrimas de crocodilo, começaram a cair, quando a voz do camaroteiro, sr. Bilheteiro, se fez ouvir:

— Colegas! Aquele que acaba de falecer era o nosso amigo n.º 1, melhor que todos os clientes papalvos que nos davam, e dão, gorjetas por nós fingirmos que lhe arranjamos um bom lugar, numa casa «às moscas».

Dele recebemos as melhores provas monetárias da sua amizade. Ele recebia da nossa mão os melhores bilhetes da casa, vendia-os ao preço que queria e dáva-nos 10%. Os bilhetes que sobravam, voltavam á casa paterna, que é como quem diz, á bilheteira.

Ah, pobre amigo. Com a tua morte perdem os camaroteiros a sua melhor fonte de receita. O público perde, do mesmo modo, a sua melhor fonte exploradora.

Que vai ser de nós, colegas, sem os 10% do contratador, sem as suas broas do Natal, sem as suas amendoadas da Páscoa, sem os seus empréstimos sem prazo?

Não, decididamente, a nossa classe está em crise. Choraremos para sempre o desaparecimento deste amigo.

★

Foi assim o funeral do contratador. Só o público não discursou junto da sua campa, e não discursou, porque o discurso estavadesde há muito engatilhado:

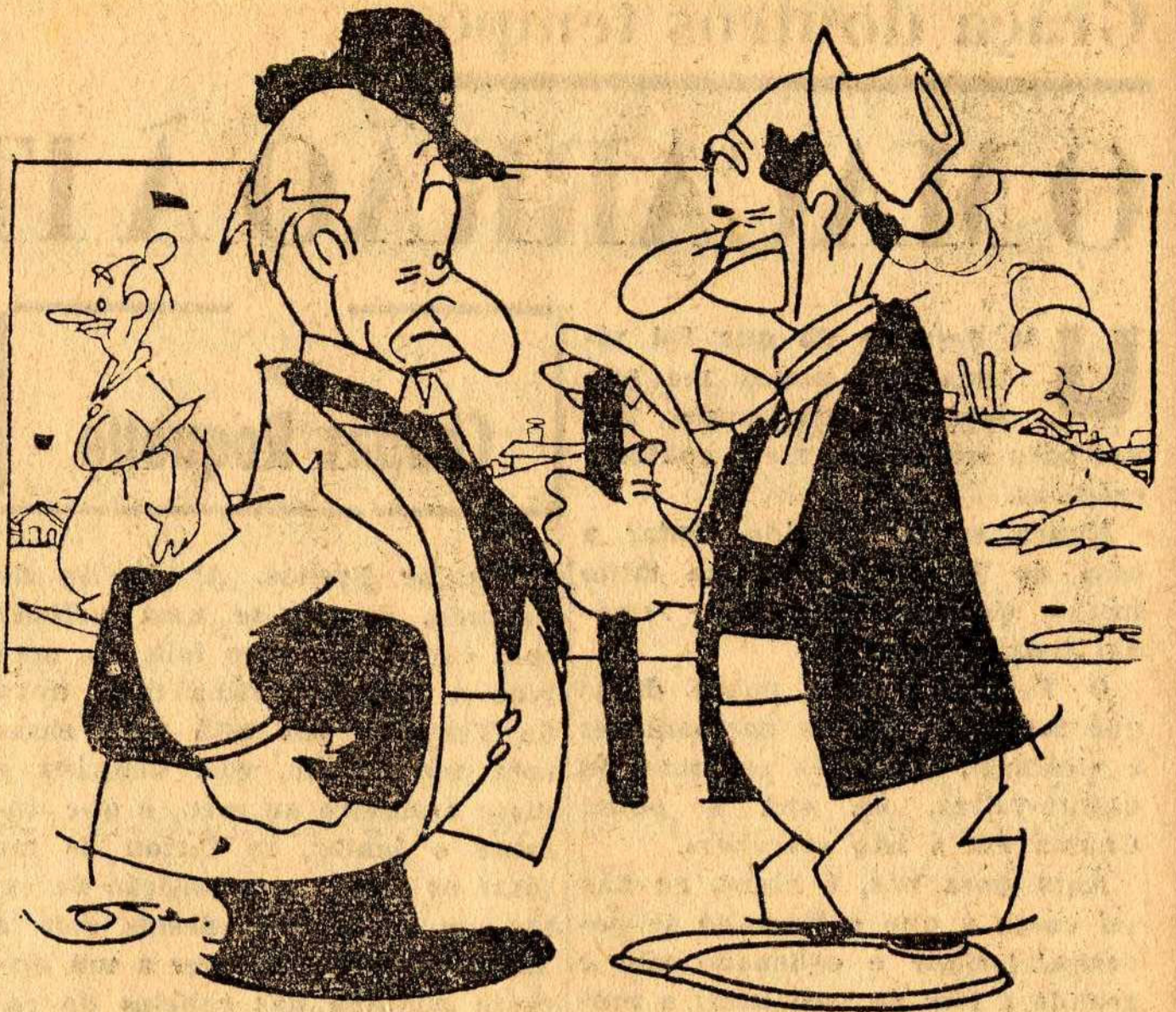
— Morreu o contratador? Ainda bem, e o diabo tenha a alminha em... tormento, dos exploradores dos vinte e tanto por cento.

O Vencedor do Concurso «HÁ HORAS FELIZES»

Terminada a verificação dos Boletins enviados pelos concorrentes candidatos aos 1.000\$00, coube a sorte ao senhor Artur Figueiredo, morador na Calçada do Monte, n.º 29, r/c.-Dt.º, em Lisboa.

Ao felizardo os nossos parabéns, e para os outros:

— E' tentar, meus senhores, é tentar!



Na Alemanha não se dá a mais nenhuma criança do sexo masculino o nome do Adolf.

— Acredito, Paregórico. Como dizem que Hitler sofria de ataques histéricos, passaram a dar o seu nome a crianças do sexo feminino.

(Do jornal «Caretta» 29-3-47)

POLÍTICA... DE GRAÇA

Teria sido esquecimento?

ESTOCOLMO, 28 — Nas proximidades de Leningrado produziu-se, na quinta-feira, uma grande explosão, que destruiu numerosos edifícios e causou elevado numero de mortos e feridos. Após a primeira explosão registaram-se grandes incêndios e houve depois outras explosões mais pequenas.

As autoridades soviéticas guardam o maior sigilo acerca do facto. A impressão dominante em Estocolmo é de que a referida explosão está relacionada com quaisquer experiências para a fabricação da energia atómica. — (U. P.).

(Do «Diário Popular» de 28-6-47)

★ ★ ★

Em face do sigilo guardado, perguntamos se a explosão não teria sido devida a alguma granada mandada para dentro da cidade pelos alemães quando a tiveram cercada, e que os russos não se houvessem lembrado de a retirar.

Se, de facto, foi explosão atómica, deve ter sido uma experiênciinha para acabar com uns srs. engenheiros que não sabiam nada... pouco, sobre o assunto...

Ainda há disto!...

BUENOS AIRES, 28 — Bateram-se em duelo dois importantes políticos argentinos, Eduardo Colón, partidário do Presidente Perón, proprietário e director do jornal «La Epoca», com o deputado da opposição dr. Ernesto San Martino.

Nenhum dos adversários ficou ferido. — (Reuter).

(Do «Diário Nacional» de 28-6-47)

★ ★ ★

A notícia, em si, não tem grande interesse. A nós, só nos interessa apontar que, nos dias que vão correndo, ainda há cavalheiros que se lembram de se bater em duelo para redimir pontos de vista.

Como nenhum dos duelistas ficou ferido, e como o telegrama o não explica, é possível que a contenda tenha sido á espada a... cinquenta passos de distância...

Sim, senhor muito bem

PRAGA, 28 — O jornal «Svoboda» anunciou, hoje, que o ministro da Justiça da Checoslováquia recebeu ordem para apresentar um projecto de lei, abolindo a pena de morte. — (Reuter).

(Do «Diário Nacional» de 28-6-47)

★ ★ ★

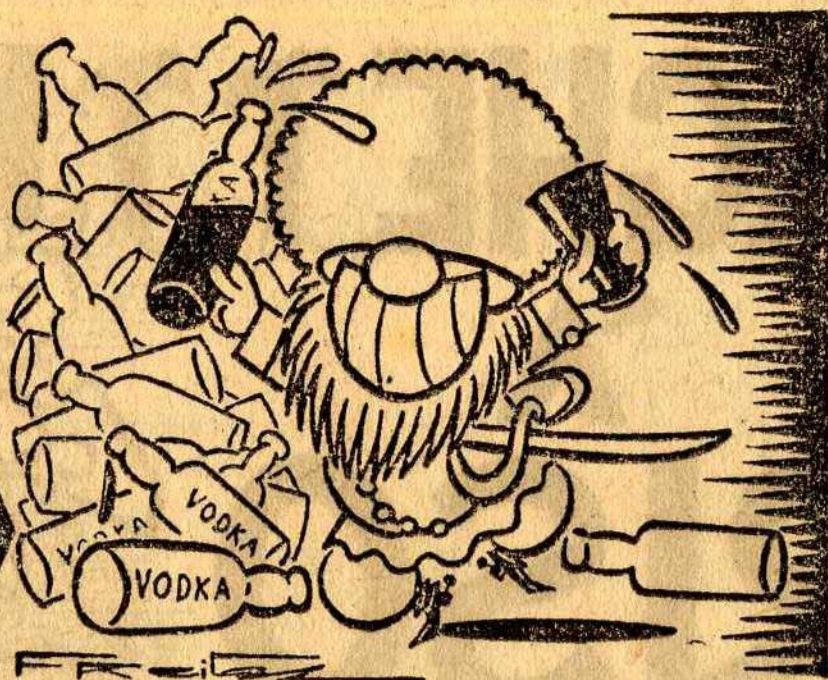
Congratulamo-nos que tenha acabado em PRAGA, a praga da pena de morte. A vida, o seu início e o seu fim, não nos pertence. Só Deus pode dispor dela.

Isso já nós sabíamos!...

«É erro esperar muito da Conferência» — diz o «Populaire»

(Continua na 11.ª pág.)

RISO REVELADO



UMA MULHER INDEFESA

KISTUNOFF, ao tempo director do Banco, dirigiu-se de manhã para o seu gabinete e começou a receber os clientes.

— Em que lhe posso ser util, minha senhora? — perguntou a certa mulher que envergava uma capa ridícula e já fora de moda.

— Oíça V. Ex.^a, sr. Director —, começou explicando precipitadamente a mulher —. Meu marido, Tchukin, empregado público, esteve doente cinco meses e agora disseram-lhe que o lugar dele já está ocupado. Quando fui receber o vencimento dele, descontaram-me vinte e sete rublos e trinta e seis «kopeks», dizendo que o meu marido devia esse dinheiro á Caixa de Seguros Mútuos. Mas eu não tenho nada que ver com isso, e quero que me ponham para aqui os vinte e sete rublos e trinta e seis «kopecks» que me descontaram!... Sou uma pobre mulher indefesa, desamparada, maltratada e ultrajada por toda a gente, e por isso me dirijo a V. Ex.^a...

Manifestou propósitos de chorar e procurar o lenço na algibeira. Kistunoff pegou no requerimento que ela lhe apresentava e começou a lê-lo.

— Queira desculpar, minha senhora — disse, encolhendo os ombros —, mas não percebo nada. Com certeza que se equivocou: o seu requerimento não tem nada que ver com este Banco. V. Ex.^a o que tem é de se dirigir ao Ministério, onde o seu marido estava empregado.

— Já me dirigi a cinco repartições e nem sequer, ao menos, se dignaram aceitar-me o requerimento, senhor! E vai eu, vim cá ter com V. Ex.^a, porque só o sr. Kistunoff é quem me pode valer.

— Mas, sr.^a Tchukin, sinto muito, mas nós aqui não lhe podemos ser uteis! Segundo vejo por este requerimento, o seu marido era funcionário do

Pelo humorista russo

Anton Tchekoff

Ministério da Guerra. Ora, o nosso estabelecimento é comercial e absolutamente particular. É um Banco, compreende a senhora?

Kistunoff, encolhendo os ombros, dirigiu-se a outros clientes, na intenção de os atender.

— Se V. Ex.^a — disse com voz chorosa a sr.^a Tchukin — não quer acreditar que meu marido esteve realmente doente, posso-lhe mostrar o atestado médico. Aqui está!

— Acredito, minha senhora, acredito! — disse, irritado, Kistunoff —. Mas, repito-lhe: o caso não tem nada que ver conosco! Por acaso o seu marido não sabe a quem se há-de dirigir, para liquidar o assunto?

— Não sabe, não senhor: não sabe nada. O que faz é questionar comigo e ameaçar-me! A mim, que sou uma pobre mulher indefesa!

Kistunoff começou a explicar-lhe a diferença que há entre o Ministério da Guerra e um Banco comercial, particular.

— Sim, senhor: compreendo muito bem! Então V. Ex.^a fará o favor de dar ordem para que me paguem, por agora, ao menos quinze rublos. O resto pagar-mo-ão depois.

— Oh, santo Deus! — suspirou, desesperado, Kistunoff —. Como demónio hei-de eu fazer compreender a esta criatura que não temos nada que ver com o Ministério da Guerra? Isto é a mesma coisa que a senhora ir apresentar um pedido de divórcio a uma farmácia ou á Aferição de Pesos e Medidas!

— Prometo-lhe que pedirei por si, até á hora da minha

morte, se V. Ex.^a tiver piedade duma pobre mulher indefesa!

— Pois sim, pois sim! Mas o que quer a senhora que nós lhe façamos?

— Ó sr. Kistunoff! Sou uma pobre mulher indefesa!

— Não, não posso mais! Já sinto vertigens!

Depois, dirigindo-se a um empregado, disse:

— Alexey Nicolayevitch: quer ter a bondade de explicar á sr.^a Tchukin, que não é a nós que tem de se dirigir?

Kistunoff entrou no seu gabinete e assinou uma grande quantidade de cartas. Mas, o empregado continuava falando com a sr.^a Tchukin. Lá do seu gabinete ouvia-lhe a voz forte e sonora, respondendo á da sr.^a Tchukin, penetrante e cheia de queixumes.

— Sou uma pobre mulher indefesa! — dizia a sr.^a Tchukin.

Alexey Nicolayevitch lá lhe ia explicando a diferença entre um Banco e o Ministério da Guerra. Renunciou, por fim, a continuar com explicações e foi substituído pelo chefe da contabilidade.

— Oh, que mulher! Que raio de mulher! — lamentava-se Kistunoff —. Ainda acaba por dar com todos nós em doidos!

Meia hora depois, tocou a campainha. Alexey Nicolayevitch entrou no gabinete.

— Escute: eu já não lhe posso ouvir a voz, compreende? Põe-me doente!

— O que há a fazer é avisar o porteiro, para ele a pôr no olho da rua...

— Não, não, isso não! — protestou Kistunoff —. Começaria a gritar, a armar escândalo. Prefiro que os senhores a façam chegar á razão.

— Bom: Está bem! Alexey Nicolayevitch saiu, e, momentos depois, ouviam-se a sua voz forte e sonora e a da sr.^a Tchukin, cheia de lamentos.

— Isto é insuportável! Isto já passa das marcas! Pode lá conceber-se maior estupidez! E deu um violento murro na mesa.

A sr.^a Tchukin ofendeu-se toda:

— O senhor não seja malcriado! Essas coisas pode ir

(Continua na 14.^a página)



— Há aqui tanto frio que tivemos de juntar um termómetro a outro para obtermos a temperatura...



UMA ALMA NUM BAR

CERTO dia da minha mocidade, entrei num bar que tinha quatro máquinas de café: ao lado de cada máquina inclinava-se uma rapariga magra, vestida de negro.

Um cavalheiro de chapéu de côco entrava uns passos adiante de mim: e eu seguia-o. O senhor, ao chegar ao balcão, encomendou:

— Um café.

Eu, que ia logo atrás, disse:

— Outro para mim.

O cavalheiro de chapéu de côco voltou-se como uma víbora e gritou-me:

— Proíbo-lhe que se sirva da minha encomenda.

Durante momentos permaneci terrificado.

Imediatamente as quatro raparigas, que se conservavam junto das suas máquinas, tomaram ares, todas as quatro, de apaixonadas pelo homem do chapéu de côco.

pelo humorista italiano
MASSIMO BONTEMPELLI

Enchi-me de ciúmes e atirei-lhe uma bofetada. Por efeito disto, as quatro raparigas voltaram-se para o meu lado e ficaram apaixonadas por mim.

Mas o homem do chapéu de côco abriu desmedidamente os olhos, levantou os braços e desatou a chorar.

Senti-me invadido por infinita piedade do homem que chorava no «bar». Ele comprimia o rosto entre as mãos, os seus soluços faziam o chapéu de côco dar saltinhos no alto da cabeça. Achava-me profundamente arrependido e aflito, e não sabia como consolá-lo. As mãos da menina encarregada da máquina que estava na minha frente depuseram em cima do balcão uma chávena de café.

Para incutir a mim mesmo coragem, peguei-lhe e aproximei-a da boca. Queimei os lábios. Ofereci-lha, então, ao homem, dizendo-lhe com comiserção:

— É a sua, meu caro senhor.

A menina preparava-se para colocar sobre o mármore a segunda chávena: era cronologicamente a minha.

Entretanto a voz do homem, por detrás das suas mãos frenéticas, soluçava desesperadamente:

— Não ... não...

Agora as quatro raparigas estavam perplexas e exprimiam a sua perplexidade por uma oscilação rítmica das quatro cabeças negras erectas nos quatro pescoços magros. Com a outra mão, segurei na segunda chávena. E — as duas chávenas fumegando, cada uma em sua mão — comecei a falar nestes termos:

— Cavalheiro, eu sou um bruto e o senhor é uma subs-

tancia angélica. Se o sobrado deste «bar» estivesse mais limpo do que está, ajoelhar-me-ia perante o senhor. Que lhe baste a genuflexão da minha alma! Eu devia, sei-o bem, encomendar o café por minha própria conta, e não me servir da sua ordem para a explorar indignamente. Compreendi bem a sua alma?

Ele afastou do semblante as mãos, mostrando-o todo raiado pelas lágrimas.

— É destino meu, o de ser sempre explorado por toda a gente.

— Sinto-o a toda a hora, dia sempre de me ter dado a vida. Desde o dia em que principiei a andar sózinho, todas as vezes que me encontro na rua,

e noite. A minha mãe não me deu á luz senão para se ver livre do peso que trazia lá dentro, e depois gabou-se tenho a sensação nítida e intolerável de que imediatamente alguém se põe atrás de mim, para marchar com menos esforço no sulco rasgado pelo meu corpo no espaço. Isto humilha-me e irrita-me. E isto é o símbolo da minha vida. E será sempre assim, pressinto-o, até á minha morte; não morrerei para meu eterno descanso nem para me libertar, mas sim para dar o meu lugar a alguém: ao infame que vier habitar a minha casa, ao bandido que me suceder na repartição, porque eu, meu caro senhor, sou contínuo na Camara Provincial. E o senhor?

— Eu — respondi, córando — eu escrevo contos.

— Sei o que isso é. Mais uma vez me vai explorar a mim e ao nosso encontro, para escrever outro conto.

— Faltaria deploravelmente aos meus deveres pessoais se renunciasse a esboçar o retrato da sua alma. Permita-me que lhe ofereça, a título de medíocre compensação, este café, que de contrário esfriará.

O homem de chapéu de côco condescendeu em franzir um sorriso de reconhecimento desolado, e avançou a sua mão direita para a minha chávena da esquerda.

As quatro raparigas das máquinas immobilizaram olhos e cabeças.

O homem de chapéu de côco detivera, a meio do caminho, a mão que vinha estendendo

(Continua na 15.ª pág.)



— A senhora dá licença que o meu noivo me venha ver á cozinha?

— Quem é o seu noivo?

— Por enquanto ainda não sei... Sou nova cá no bairro.

(do «Florença» — Itália)

ANEDOTAS COM MULETAS

Esta, que corre como autêntica, contava-a D. João da Camara, alto talento e gracioso espírito.

Em Lisboa, no largo do Matadouro, costumava estacionar um cego pedinte, que de uma vez se viu em calças pardas por causa de umas vacas tresmalhadas, a cujas maradas quis fugir.

— Não há por aí — gritava ele — uma almazinha cristã que me meta no fundo duma escada?

Nisto uma vaca investe com o pobre cego, de tal forma, que ferra com ele por uma porta dentro.

— Muito obrigado, irmãozinho. O que escusava era de ser com tanta força.

★

— Isto que é, mulher?

— Os lenços que me mandaste marcar.

— Até aí está bem; vejo as iniciais num deles. Mas que puseste tu nos outros?

— Idem, idem...

★

O mendigo — Meu rico benfeitor, dê-me alguma coisinha, que estou morto de fome!

O ricaço (depois de rebuscar, entrega ao pedinte um botão velho): — Tome, é para um sobretudo...

★

O criado: — Meu amo, já encontrei a vassoura.

— Dize á rapariga que não a procure mais.

— Deixe lá; que, se ela a encontra, ficamos com duas.

A ESTRADA A CASTANHOLAS

PELO HUMORISTA

A verdade é que, quando César Vidal atropelou e matou, com o soberbo «Leuter» que guiava, o humilde vendedor de panelas de barro, José Cañavate, e os seus três filhos, estava em pecado mortal. Talvez não fôsse de César a culpa completa do atropelamento, mas sim de dois ou três «cocktail's» de genebra com que, antes de iniciar a marcha, se prevenira contra a humidade. Deve dizer-se também, em honra do hábil mecânico, que, se exterminou os quatro Cañavates, foi precisamente por dar ouvidos às vozes da sua própria clemência. Um homem de coração endurecido não teria atropelado, naquela ocasião, mais do que dois Cañavates. César Vidal tropelou-os a todos por excesso de sentimentalismo.

Ao aparecer o automóvel na curva, rugindo magnificamente, essa estreita solidariedade que deve existir numa família, mesmo para andar pelas estradas, faltou na do oleiro. Depois de uma breve contradição, em que todos se equivocaram, José agarrou no filho mais novo e desviou-se para a direita, enquanto os outros dois rapazes corriam para a esquerda. Vidal pensou, fulminantemente:

— «Vou matar alguém. Mas quem?»

Escrevo para pessoas distintas e tenho a certeza de que



— Para amanhã, esmere-se na cozinha. Temos convidados...

— Muito bem minha senhora... Quer que voltem os que não tem prazer nenhum em ver por cá outra vez?

(do Bueno Humor)

W, Fernandez Florés

todos os meus leitores sabem -i-pp e omoo vcuerredxe rod cil fazer uma escolha, quando se oferecem várias vítimas e se marcha a oitenta quilómetros á hora. Em regra geral, prefere-se a que nos desvia menos do nosso caminho, e, se tivesse conseguido esta lei do menor esforço, Vidal só mataria duas crianças. O automóvel estava já em cima delas, quando César pensou que era uma pena destruir aquelas vidas em flor e que a indignação publica contra ele seria menor se eliminasse o oleiro, já velho e trôpego. Virou com rapidez, aniquilou com a parte posterior do automóvel a parede fraternal, e um milésimo de segundo depois estava reduzida a massa a outra parede. Espantado e como louco, envolto em pó, o «Leuter» saltou a valeta, deu três voltas sobre si e lançou um bocadinho de fumo, como se exalasse o ultimo suspiro.

Quando isto aconteceu, César Vidal tinha a cabeça como um figo e o volante dentro dos pulmões.

Uma voz pronunciou o seu nome e o espírito de César aproximou-se.

— O teu processo é grave de julgar — disse-lhe um ancião —. O que fizeste na Terra?

— Correr — murmuro o espírito atribulado de César.

— E correr, para quê? — perguntou outro ancião.

— Não sei — respondeu o espírito —. Todos corriam... A superioridade residia em correr mais do que os outros, e sempre...

Um terceiro ancião falou:

— Mataste com o teu carro quinze pessoas e quebraste as pernas a outras dez. Como te justificas?

— Não foi por mal...

— Visto para sentença! — pronunciou o primeiro juiz, e as três cabeças brancas uniram-se em breve conciliábulo.

O guarda aproximou-se de Vidal:

— Estás destinado á secção de fantasmas. Durante dois séculos hás-de percorrer a es-

DO RISO

trada onde causaste mais vítimas, noite por noite, sem mais descanso do que o da noite de Natal. Serviço: desde a meia-noite até de madrugada. Eis aqui o teu carro.

O espírito protestou, aflito: — Deixai-me ir a pé; isso nunca se viu. Por que me obriga ao horror de guiar o espectro dum automóvel? Quando se viu um automóvel fantasma? Por que se inventa para mim um castigo sem precedentes?

— Oh! — exclamou um guerreiro que vinha devolver a sua lança —. Julgas que isso é mais extraordinário do que galopar sobre um cavalo fantasma, pelas planícies de Castela? Por que me obrigam a andar a cavalo? O teu automóvel não é pior do que a minha cavalgadura.

— Escolhe o teu lençol —

interrompeu o guarda, autoritário.

E César encontrou-se sobre o seu «Leuter», no primeiro

(Continua na 7.ª pág.)

GRAÇA ESPANHOLA

— Sabes que se casou o Manuel?

— Sim?

— Sim. Saíram de madrugada em automóvel.

— E onde passaram a lua de mel?

— No hospital!

★

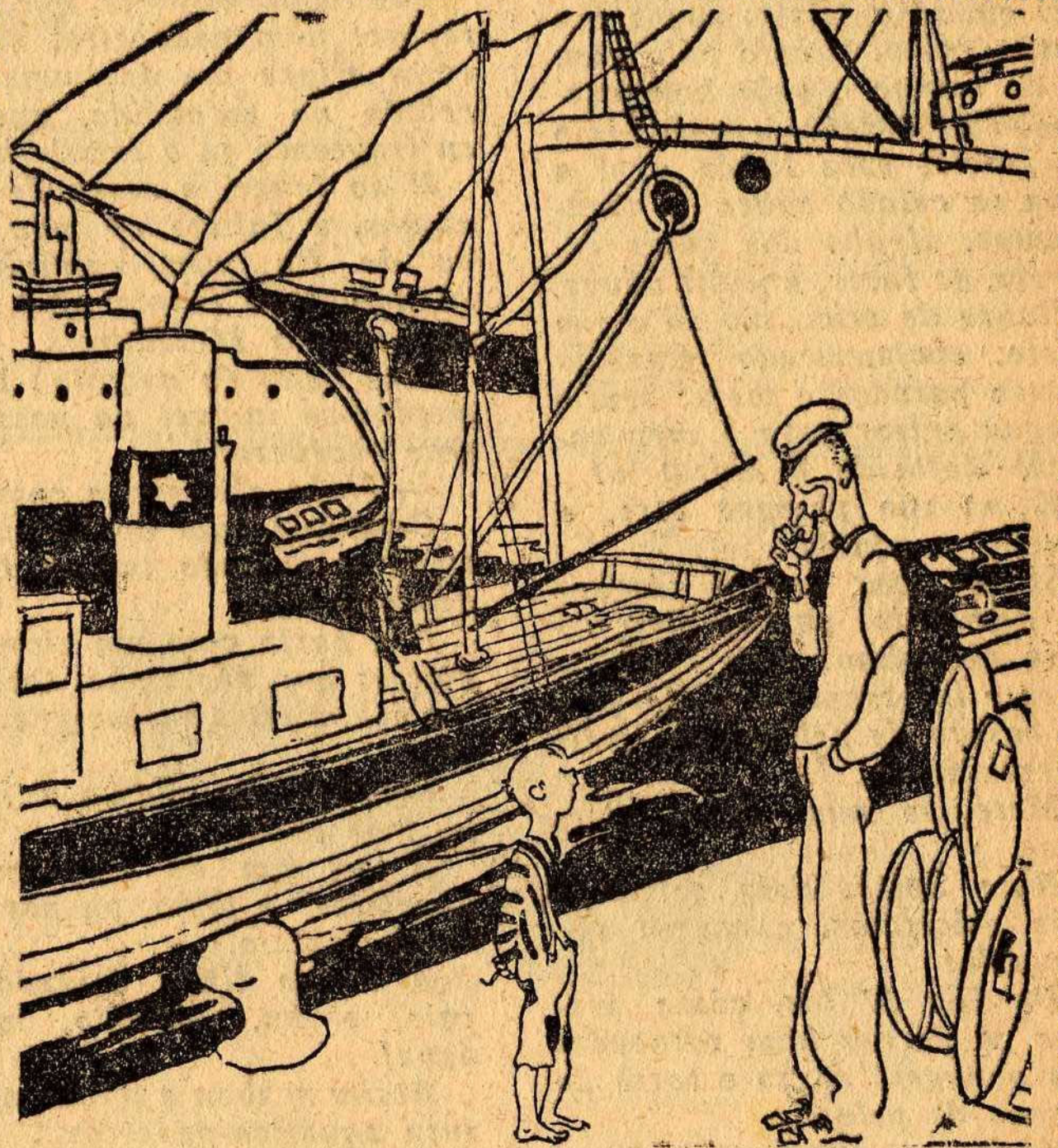
NUMA AULA DE ASTRONOMIA:

O professor — Sr. Perez: que me diz sobre a Lua?

O aluno — Que é muito porca!

— Porquê?

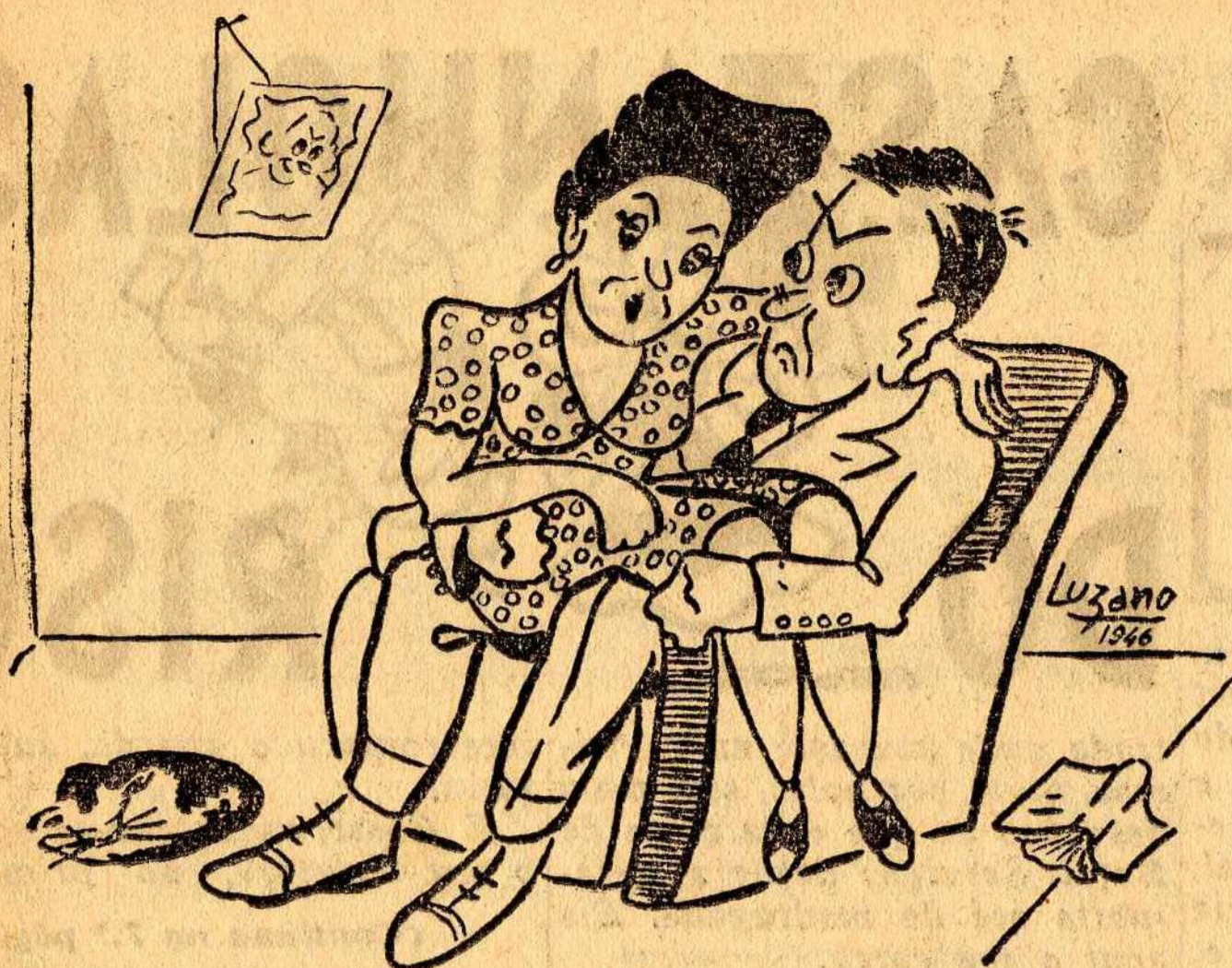
— Porque tem muitas manchas!



— Porque é que ao nosso barco falta o mastro mais alto?

— Porque quando chegamos a terra o capitão desmonta-o e serve-se dele como bengala!

(Do «Buen Humor»)



Entre casados:

— Diz-me, querida, qual era a desgraça que mais sentirias?

— A que ficasses viúvo.

SEM TITULO

SENTIA-SE só e triste como uma solitária analfabeta! O meu amigo A tinha ido arejar a pituitária com a dona dos seus sonhos e duma tabacaria.

O meu amigo B tinha ido até ao Limoeiro, «p'a estar» alguns meses. O meu amigo C não existia...

E eu, só e triste, encostava o meu rosto, rosado pelo bom ar do campo e pelo bom cariscão da cidade, ao vidro frio da janela, para lá da qual a água ia caindo sobre os transeuntes, alguns dos quais estavam, de facto, a pedir chuva.

Pobre de mim, tão só e tão triste, enclausurado naquelas quatro paredes e meia; sentia a água entrar para o meu coração dolorido e hidrófilo!

E na rua passava este, e aquele, e aquela...

Subito, por aquele «écran» ao domicílio, passou uma figura de sonho: uma rapariga loira e interessante, envergando casaco de peles ainda mais interessante...

Meteu-se num carro eléctrico.

Num ápice, dois saltos e três eléctricos, consegui alcançá-la!

Da fila 17 bis, coxia, vi-lhe as pernas bem torneadas e a penugem negra e forte do casaco de peles...

Apeou-se, apeei-me; apeaste-te, apeámos-nos, etc. (só posso traduzir verbalmente a minha emoção). Seguiu-a e ela... também seguia, sem olhar para trás.

Como a caminhada durava

muito, para me entreter, fui cantando em falsete a conhecida canção que começa assim:

«— logarítmo de dois é... tal
— logarítmo de três é...»

com musica da minha auto-ria...

Tão embevecido ia, que nem repari num candeciro, que a certa altura me deu uma cacetada no esfenóide, quando eu trauteava já o estribilho.

E ao longe, a cerca de dez passos, a Julieta do meu Ru, ou do Ro...meu, caminhava, silenciosa no tilintar dos seus protectores ferradurais...

Mas nisto (e naquilo) ELA quedou-se imóvel no passeio! Que sucedera?!

— Tinha chegado a casa.

Carregou num botão misterioso e, passado tempo, tinha desaparecido.

E a porta com um chiar de gonzos que não tinha, fechou-se nas minhas barbas por nascer!...

Esperei que viesse á janela, mas nada.

E ao fim de três horas, abandonei a pista, ou por outra, o passeio.

A chuva tinha deixado de cair, e eu, contudo, metia água!

Assim acabou a minha aventura aquático-pedestre...

... ..
Só gostava de saber é quem era aquela velha oxigenada que se não tirou da janela enquanto não me vim embora.

FERNANDO SIMÕES

PERSONAGENS D

VOU escrever um romance. Alguns dos nossos leitores dirão lá para consigo, muito disfarçadamente, para eu não ficar aborrecido: «E que tenho eu com isso?». É certo. Mas eu acho que escrever um romance é uma mania como qualquer outra, e que, além disso, não é exclusivo de ninguém, o que permite a qualquer Seralpião da nossa praça, seja alto ou baixo, magro ou gordo, use ou não monóculo, a divertir-se com esse passatempo maníacamente definido de intelectual. O que o publico possa pensar, não me interessa. Preocupa-me mais saber se o livro atingirá o 10.º milhar.

Pois bem. Para personagem do meu romance, sem título, escolhi uma rapariga, que baptizei de Engrácia. Eu sei que uma Maria qualquer coisa, uma Rosa ou uma Helena, teriam melhor acolhimento da parte do publico. Mas isso são sentimentalismos, a cuja sujeição a minha mentalidade superior se recusa transigir. Engrácia é, acima de tudo, um nome realista, exactamente como essa personagem que passeia por todas as páginas do meu livro, espalhando, ora a fatalidade, ora a alegria, ora a saudade... Como vêem, uma rapariga completíssima. Engrácia, não sendo nada bonita, adora a beleza; não suportando o café ou o leite, em separado, tem como a sua bebida favorita os «galões»; possuindo um pequeno carro que lhe ofereceu o pai, para matar... o tempo, tirou «passe» da Carris, e viciou-se a viajar nas plataformas dos «eléctricos». Mas Engrácia é pior do que um paradoxo; é mulher. E na vida duma mulher, há sempre um homem que passa. Quando esse homem passou na rua da sua vida, ela não se preocupou em saber se ele seguia pela direita ou desobedecia ás intruções de transito. Fez mais: apaixonou-se. Ora, quando uma mulher como ela se apaixona, há dois casos a considerar: ou fazem asneira e casam, ou atiram uma moeda ao ar, não casam, mas disfarçam muito bem com uma sólida amizade, estratégia que facilita muito a visão das estrelas á noite. Não direi por enquanto por qual das soluções ela optou. Primeiro, porque não quero desvendar o enredo do romance; segundo, porque, francamente, não é meu hábito andar empoleirado

nas escadas de serviço dos prédios modernos, a bisbilhotar, como as sopeiras, se esta ou aquela inquilina é casada ou... se gosta muito de ir ao cinema... Mas prossigamos. Engrácia é relativamente nova, é mesmo uma novidade. É uma rapariga de cérebro bem arejado, adora o duche central, por causa das cócegas; começou muito nova a andar de trotinete e hoje é uma pianista exímia. É duma fidelidade revoltante á boa pintura, mas tem o bom-senso de preferir um «anedótico» do Stuart, a um «genial» de Picasso. Por temperamento, Engrácia é verdadeiramente latina: loquaz (eis uma frase que fica bem com qualquer fato), dinamica, pouco prática, mas bastante pretensiosa a ditadora de leis e moralidades que não segue; morena, cabelo sedoso e negro, algumas varizes nas pernas. Raramente usa meias. As más linguas do bairro dizem que por calornice ou por subterfugio feminino, declaradamente convencional. Ela explica que o faz por economia de tempo, e pela higiene da epiderme. Uns acreditam, outros sorriem maliciosamente; a maior parte compreende em silêncio. Afinal, o complexo feminino será sempre uma incógnita. Aprendeu dança clássica, e a mastigar «chiclets» correctamente.

ILUSORI

Um «tipo» desce o Chiado
Com impecável gravata,
Com um fato bem talhado
E chapéu á diplomata.

Veste e calça com apuro
Do mais selecto quilate...
Mas quem sabe se o «maduro»
Já pagou ao alfaiate?

Entre amigos, o Adão,
Com á-vontade catita,
Inclui na conversação
Uma palavra erudita.

Julgaram que da cultura
Essa palavra provinha...
Ninguém supoz a tortura
P'rá decorar, no «Torrinha»

Um sujeito, com decência,
Diz a outro:—Oh!, Sr. Sousa
Como está V. Excelência,
Sua filha e sua esposa?

Que cumprimento fagueiro,
'té agente fica tonta!...
Afinal... é o merceeiro,
A quem ele deve uma conta!

O MEU ROMANCE

POR MANUEL PUGA

Seguiu a primeira, pois quanto á vulgar dança de bailes mais ou menos populares, concorda com Pitigrilli, que a define como «a ginástica do adultério». Quanto á segunda, plagiou-a dos filmes americanos, sempre incansáveis em propagar ideias cheias de originalidade, a preto e branco ou em colorido.

Engrácia — áparte os homens, que admira por sua natural condição de mulher — tem duas paixões: os «garden-party» e os bombeiros. Aqueles, porque lhe proporcionam um manancial de distrações, vulgares passatempos com que «elas» endoidecem. Entre um decote, clamorosamente apontado de «horível exagero», (geralmente os espelhos delas são bem condescendentes...), e uma saia que teima em expor os joelhos á saciedade do publico, há um sem numero de pormenores que elas «despem» peça por peça, até ao... proibido pela censura. Estes, (os bombeiros) porque lhe proporcionam toda a série de prazeres que á sua fantasia lhe aprouver escolher. Não que algum se tenha tentado fazer ao piso, armando em benemérito. Duma maneira geral, um bombeiro médio está para Engrácia, como a velocidade

do som para a mesma dum combóio da linha de Sintra. Quando ardeu a casa de seu tio, o riquíssimo Mateus, corticeiro por vocação, os bombeiros viram-se na impossibilidade de evitar a catástrofe. A casa ardeu totalmente, e o velho tio ficou bastante chamuscado, o suficiente para lhe fazerem a autópsia. Isso valeu a Engrácia ficar de posse de toda a sua fortuna, e inesperadamente, o que ainda por cima tem o agradável sabor de surpresa.

Eu poderia dizer muito mais de Engrácia. Mas, haverá por ventura algum homem que se vanglorie de conhecer a fundo uma mulher, desde as pontas dos cabelos aos dedos dos pés? De resto, quando lerem o meu romance, poderão tomar um conhecimento muito mais amplo. O que disse dela hoje, é muito. Se algumas coisas ficaram por dizer, bastantes se tiraram por conclusão. O que lhes garanto, é que, ao terminarem a leitura desse livro, todos exclamarão com mais ou menos romantismo ou qualquer idiotice congénere e correlativa, tal como aquele que inexplicavelmente a amou: — Engrácia, és bem o tipo de mulher que nunca esquece...

AS APARENCIAS

Um «tipo» vai ao café
Diariamente. E os tolos,
Pensam: — Assim é que é,
Lancha sempre, leite e bolos!

Verdade: — Sem capital
Para que almoçar consiga...
Come os bolos... bem ou mal
Vai enganando a barriga!

Pede auxílio um indigente
Esfarrapado e magrinho.
Dando esmola, pensa a gente:
— Que miséria, coitadinho!

Ele ri-se do nosso horror,
Dizendo:—Que gente tonta!...
E ao banco a «massa» vai pôr,
Onde já tem boa conta!

Passa um casal, agarrado
Aos abraços e beijinhos.
Pensamos nós:—Deus louvado.
Como eles são amiguinhos!

Porém, em casa, que vida!:
Raham, chegam ás do cabo,
Há muita louça partida,
Entra a polícia... o diabo!

Passa uma dama apurada,
Que julgamos de «bom tom»,
Por a vermos «camuflada»
Com rimmel, rouge e batton.

Mas... se fossemos indagar,
Mesmo assim tão «engraixada»,
Quando tenta conversar,
Sai logo uma calinada!

Há famílias, a bradar
Que passam grandes apertos
Para bilhetes comprar
P'ra S. Carlos, p'ros concertos.

De musica nada gostam,
Mas, como é «chic» lá ir...
As consequências arrostam:
P'ra lá vão todos... dormir!

Mesmo eu, depois de fazer
Toda esta versalhada,
Digo p'ra minha mulher:
— Vê Fifi... obra asseada!

Mas ela, pega no papel,
Lê e responde enjoada,
E, como sempre cruel:
— Julgas que isto tem piada?

A. SILVA

Anedotas pré-históricas

A dama esmolér:

— Pobrezinho... aqui tem cinco tostões... E console-se com a ideia de que, apesar de ser terrível a falta de uma perna, pior seria se fosse cego!...

— É verdade, minha rica benfeitora, isso é uma grande verdade... Quando eu era cego, todos me davam moeda falsa...

Prometa-me, no entanto, Rodrigo, que se não entrega a nenhum acto de desespero, em consequência de eu não poder corresponder ao seu amor.

— Oh! Essa é boa! Pois já se vê que não!

— Que horror de homem! Olhe, Rodrigo, nunca imaginei isso de si!...

Num tribunal:
O juiz, para o réu, com cara de poucos amigos:

— É a décima vez que o vejo nesse banco.

A ÚLTIMA que nos contaram

— QUE tal tens achado as Festas de Lisboa?

— Lindíssimas. Admiro-me é que não façam nenhuma homenagem a uma coisa que data do tempo de Afonso Henriques...

— O que é?

— A ponte sobre o Tejo!

— Senhor juiz — responde o réu em tom compungido —, há oito anos que vejo V. Ex.^a sentado nessa cadeira, e nem pela cabeça me passa acusá-lo por isso.

Um mendigo cego, encostado a uma esquina, lastimava-se e pedinchava:

— Meu generoso benfeitor, tenha dó do pobre céguinho, carregadinho de filhos!

— Então quantos filhos tem você? — perguntou um sujeito caridoso.

— Não sei, meu rico senhor, como sou cego! — respondeu o pedinte.

Um figurão arruinado dizia para o velho negociante Malaquias Pimenta:

— Quer o senhor ganhar cem contos? Proporciono-lhe a maneira de fazer esse bom negócio.

— Como?

— O senhor tem uma filha; tenciona dar-lhe quinhentos contos de dote.

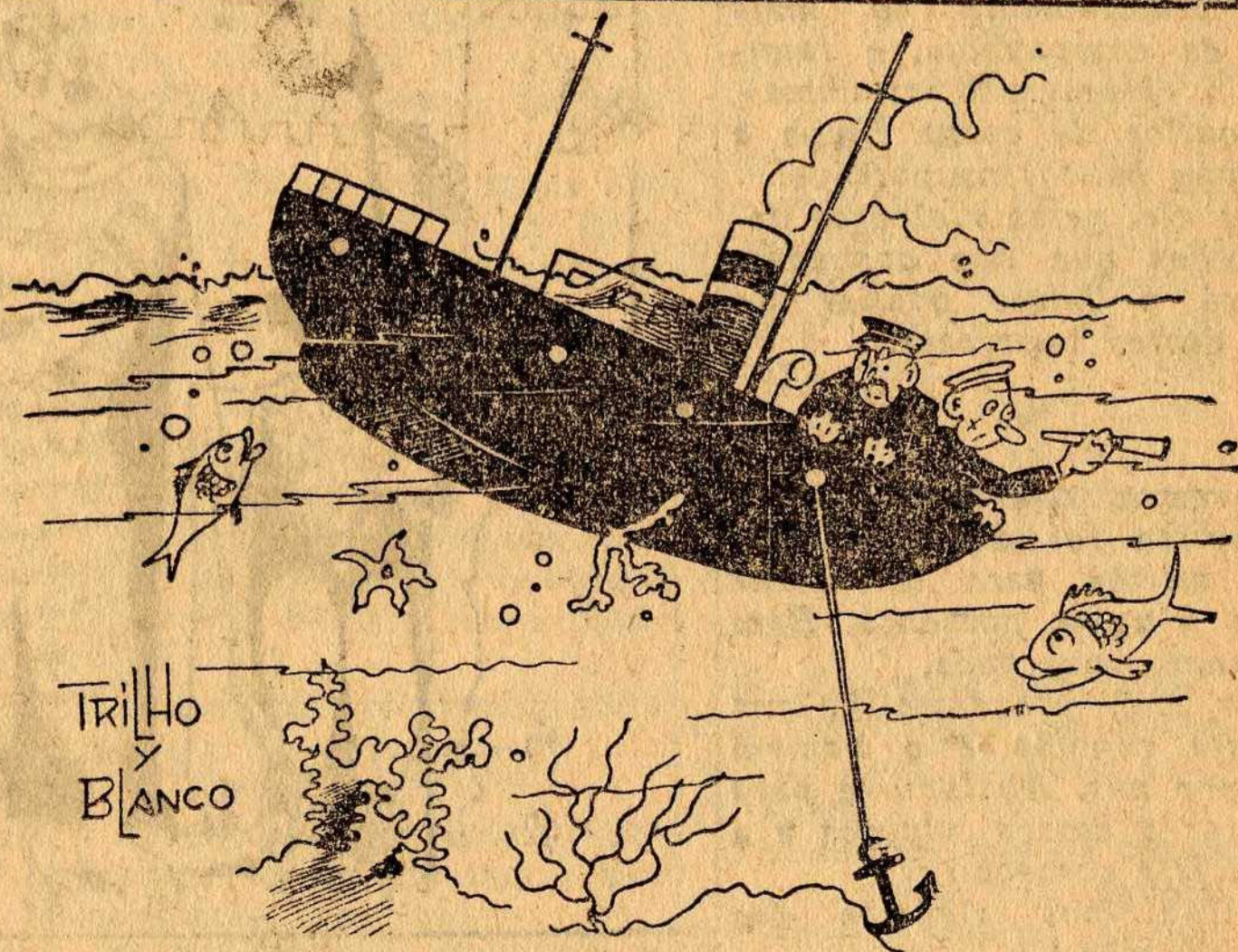
— É facto.

— Pois bem; dá-lhe apenas quatrocentos, e eu caso com ela.

CORRESPONDENTES NA PROVÍNCIA

Estamos prontos a ter um correspondente a rir, em qualquer ponto do país, desde o Norte ao Sul e vice-versa.

Enviem-nos as graças da vossa terra. Cá as esperamos.



— Eu bem o avisei, capitão, de que a corda da âncora era demasiado curta!



LUTA? — LIVRA!

O «Homem Montanha» concede-nos violentas declarações

AQUILO só visto, meus senhores! Sim, a tal história da «luta livre americana». Que delicadinhos!

Cá para mim, «luta livre» não é bem dito. É uma questão de acentuação. Acho que se devia dizer antes:—Luta? —Livra!

Aquilo vale tudo. Dedos metidos pelos olhos, cabelos puxados, pés torcidos, avó batida, sopa cuspidas, etc. ... e a malta gosta! Então quando um desgraçado é expelido para fora do «ring» e se estatelou em cima das cadeiras, a malta delira.

Não são exageros, não senhor. Eu já calculava que o leitor, que não assistiu aos combates, iria duvidar. Mas preveni-me, sabe? Arranjei modo de o convencer. Como? Entrevistando um dos lutadores, precisamente «o mais mau da companhia», o famigerado «Homem-Montanha», 200 quilos de carne limpa e um mau hálito insuportável.

Por ele, pelas violentas declarações que nos concedeu, poderá o leitor avaliar do jaez destes rapazotes.

★

Devemos confessar que a entrevista foi difícil. Vimo-nos aflitos para lhe fazer notar a nossa presença. Bem berramos, mas nada.

Por fim, pregámos-lhe um valente canalão e o homem deu por nós. Abaixou-se para exotar a mosca, viu-nos e a entrevista começou:

— Conte-nos algumas das suas proezas!

E ele, para nos intimidar, começou por esta:

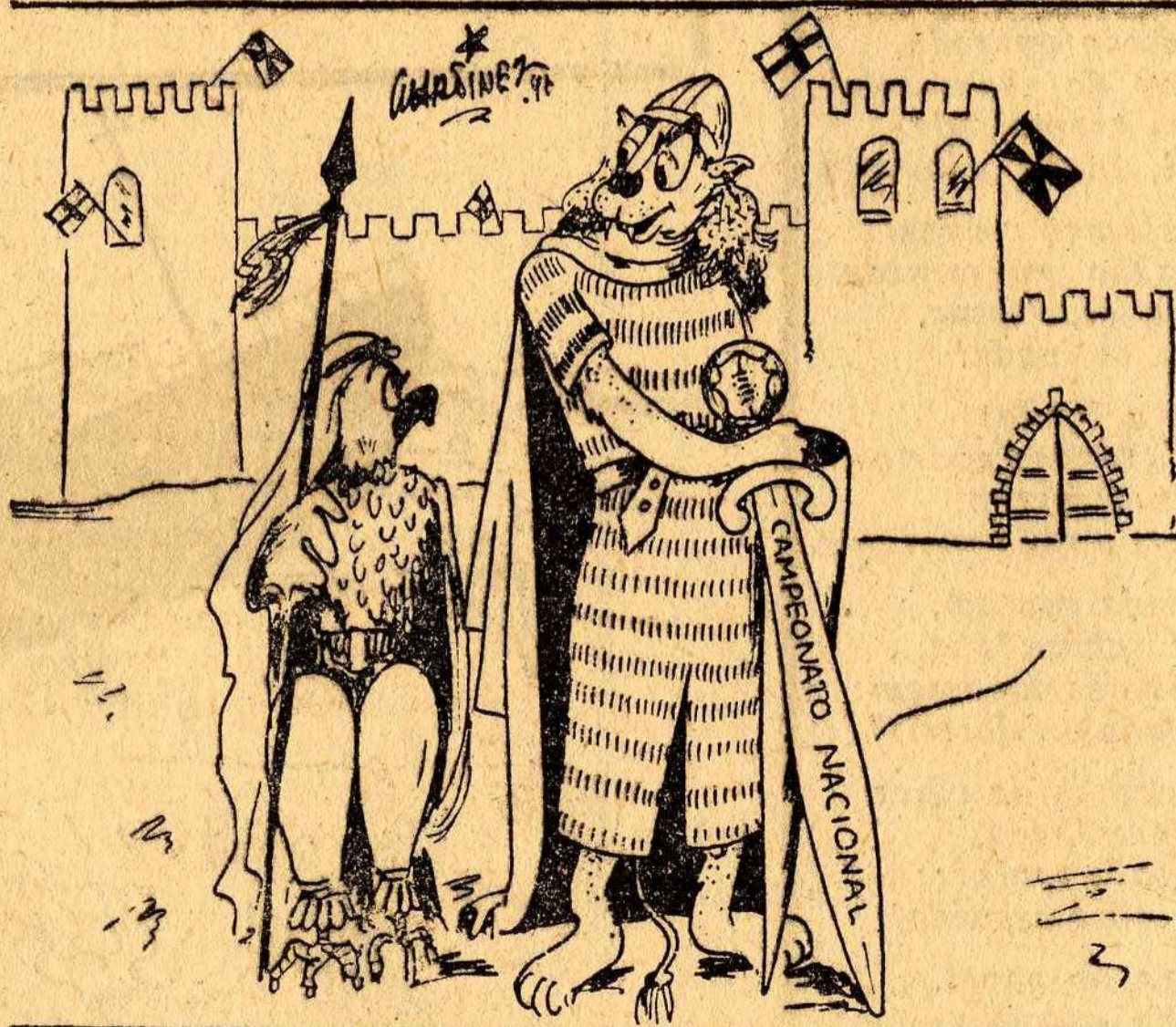
— Olhe, uma vez um jornalista chamou-me «canastrão». Mas a minha vingança foi terrível. Um dia, apanhei-o a jeito e cuspi-lhe em cima. O atrevido morreu afogado! Engulimos em seco, mas insistimos:

— Outra! Outra! Conte-nos outra!

— Pois sim, — acedeu. Você sabe que eu tenho um fôlego

(Continua na 15.ª pág.)

D. SPORTING I o Conquistador DO CAMPEONATO NACIONAL



O leão do Sporting aproveitando as festas centenárias, também se arvorou em conquistador.

O SPORTING... E OS MOUROS

SÓ agora é que o Sporting é mesmo o campeão nacional de futebol. Ontem á tarde — ultimo dia de jogos — ainda «Os Belenenses» detinham o título.

Portanto, vivó Sporting! Vivó Necas! Vivó Paço de Arcos! (este ultimo «viva» é para ver se consigo arranjar lá, para este Verão, uma casa baratinha).

A vitória dos «leões» vem coincidir com um período argênteo e notável (muita prata e muitas notas, pois é!), da vida do clube e com as comemorações centenárias da tomada de Lisboa aos mouros. Vivó dr. Ribeiro Ferreira! Viva Lisboa! Vivó Município! Viva a marcha da minha rua!

E diz bem uma coisa com a outra. Neste campeonato, o Sporting foi um autêntico conquistador — e os outros clubes, uns moi-

rinhos de trabalho ...inutil.

A meio do campeonato, já os «leões» tinham o título como coisa certa. A prova só a eles passou a interessar, e, por isso, as finanças ressentiram-se. Ao contrário da História, o Sporting é que foi o conquistador, mas os outros é que ficaram «entalados»... com as despesas.

E a maior «entalação» foi para o ultimo, «cuspidos da carroça», e para o penultimo, ameaçado de sorte igual. Mas todos curvaram a espinha, frente a D. Sporting, o Conquistador: — os estudantes «estenderam-se»; os «atléticos» foram-se abaixo; os «de Olhão»... foram-no; os Vitórias... perderam; os «azuis» confirmaram a sua côr. Por fim, o Benfica... Era de esperar. Claro que, com Amorim, teria de ficar com melão.

Em suma, teve todo o mérito a vitória do Sporting, que deu provas de uma regularidade sem a qual só a Sanjoanense competiu.

E ficamos por aqui, nos leuiores aos «leões». O leitor há-de ter reparado que nem por isso tive assim muita gracinha neste artigo. Pois é isso, é! Sou realmente do Benfica! (?)

Os chamados «ossos do ofício»!

CARLITOS

O NOSSO HUMORISTA DE HOJE

A' ultima hora, a paginação forçou-nos a retirar para o próximo numero um artigo do popular e querido locutor Pedro Moutinho.

Apresentamos-lhe as nossas desculpas e avisamos:

No numero 3, tem a palavra: Pedro Moutinho!



E' conhecido de todos o bom humor da artista Angela Pinto, de saudosa memória. Um dia representava-se, em S. Carlos, a ópera «Cavalleria Rusticana», de Mascagni. Muitos «snobs», como de costume, muitos apreciadores do belo canto e muitas pessoas que iam, apenas, mostrar as suas novas «toilettes» estavam já sentadas quando a grande atriz, imponente na sua capa de arminhos, fez a entrada na sala — o que arreliou os circunstantes.

Começa a lírica função e os espectadores fecham-se num mutismo fanático... Angela Pinto, que não era apreciadora daquele género de espectáculos, bocejava constantemente. A determinada altura, a orquestra ataca o «Adio a la madre» e o tenor começa a cantar: «Mama... Mama...».

Angela Pinto levanta-se e, ante o pasmo de todos, exclama:

— Não há direito, um calmeirão daquele tamanho... a pedir mama.

E saiu, imponente, na sua capa de arminhos.

★

Vai reaparecer, no Avenida, a grande artista Laura — Laura, não! Laurinha, Laurinha é que é! — Alves.

Seja bem aparecida! Diz-se que «quem não aparece, esquece», mas a Laurinha não está esquecida.

★

O Teatro Nacional de D. Maria II vai estrear, den-

POLITICA... DE GRAÇA

(Continuação da 4.ª pág.)

O jornal conservador «Le Pays» felicita-se com os ministros por terem projectado que a conferência decorra em segredo. O articulista escreve:

«A diplomacia ao ar livre sujeita-se a processos demagógicos. Preferimos uma diplomacia confiada a diplomatas do que entregue ao belo prazer dos políticos».

(R.)

(Do «Diário Popular» de 28-6-47)

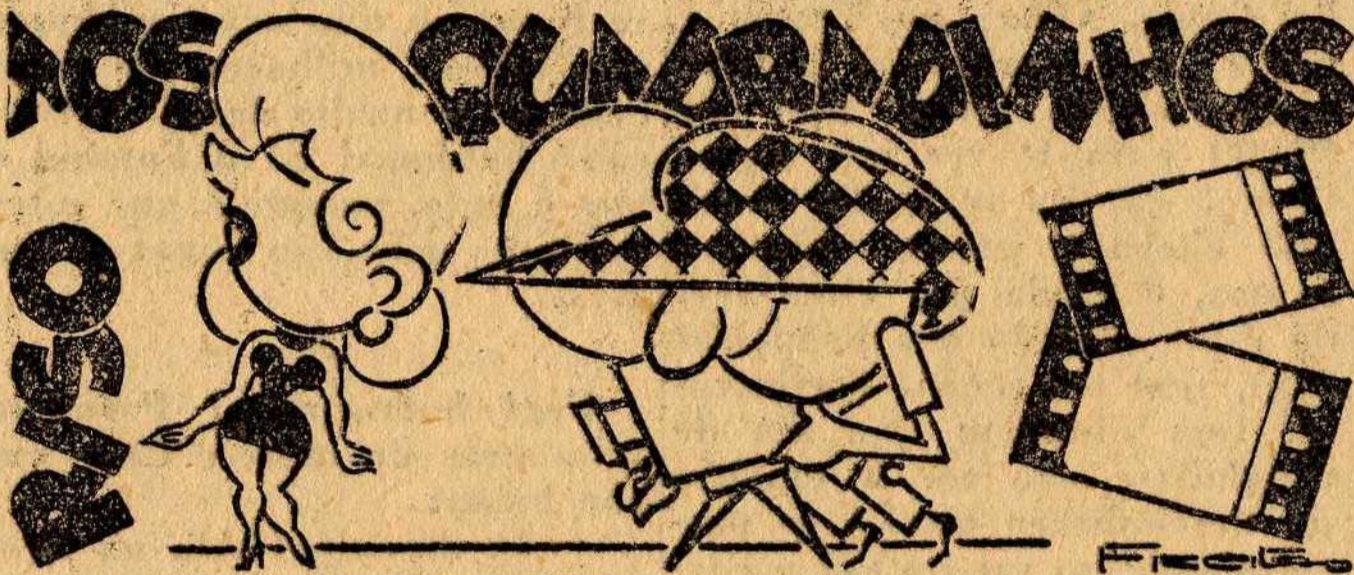
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

tro em breve, a peça espanhola «La Casa».

Oxalá que seja uma «Casa» á cunha.

★

A Lucy Snow, o Charles e a Aida — Aida, não! Aidinha! Eu hoje estou meigo — vão áquela parte onde todos os artistas ambicionam ir: á... América do Norte.



Há, como toda a gente sabe, diversas maneiras de apanhar moscas; existem milhares de processos para matar pulgas; conhecem-se dezenas de métodos para arrancar os calos, sem dor; adoptam-se diversas maneiras de comer nesperas, mas — em compensação — existem muito poucas pessoas, em Portugal, competentes para realizar fitas cinematográficas... ainda que usem fazer diversas «fitas», á mesa do «café».

Para se ser realizador de cinema é preciso aliar ao gosto artístico a cultura e o conhecimento da 7.ª Arte; não basta, apenas, conhecer um amigo com dinheiro que, por sua vez, seja «amigo» de uma senhora com boas linhas.

Ora dá-se o caso que, no nosso país, os realizadores, quase todos, só têm esta última condição e, é claro, fazem porcarias em vez de fazerem cinema...

Urge que se estabeleçam normas para a admissão de pessoas que queiram ser realizadoras de películas e não se que qualquer um dirija filmes... como mata pulgas, caça moscas e arranca os calos, sem dor.

★

A Milu — segundo consta — vai entrar num novo filme espanhol. Coitadinha! Tem-se

Que façam, por lá, boa figura é o que desejamos.

★

Os teatros de Lisboa continuam fechados... a cultivarem as pulguinhas e percevejos.

★

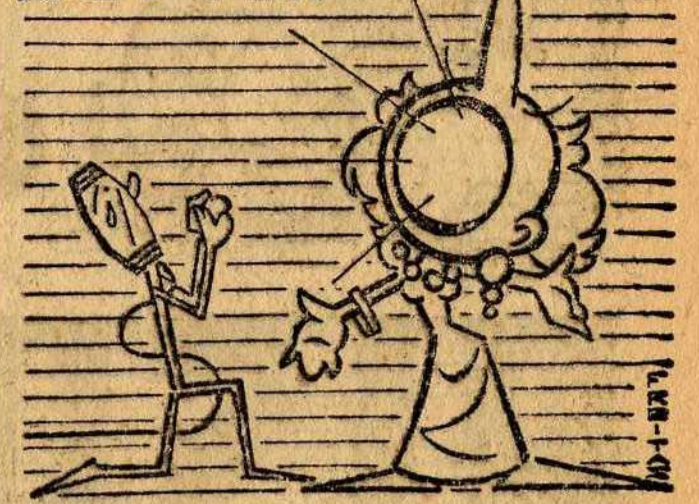
A empresa do Teatro Maria Vitória está a deixar passar o Verão, para nos dar a «Salada de Alface».

O pior é se, depois, no Inverno, ninguém pega na «salada»... que é manjar próprio para tempos quentes.

★

Os profissionais de teatro já têm a carteira sindical indispensável ao exercício da profissão. Agora faltam-lhes, apenas, os teatros, indispensáveis também para o exercício da mesma profissão.

RISO AS ONDAS



Há duas espécies de meninas que cantam nas estações amadoras: as pires. Não é para admirar porque, nas supra ditas estações, abunda o pirismo — salvo raras excepções.

Estamos fartos de fazer notar que para cantar na rádio não basta sermos sócios da estaçõzinha e abrir a boca em frente do microfone.

E' claro que ninguém pode levar a mal que as meninas pretendam entreter o tempo, enquanto os namorados estão ao lado, a piscar o olho ás colegas da «diva» radiofónica. Mas, francamente, eu posso aconselhar diversas distrações. Por exemplo: lavar casas, a dias. Gostam? Então e confeccionar roupas brancas, para os fanqueiros. Não gostam? Bem! E se forem vender flores, para o Rossio? Esta é, de facto, a melhor solução porque além de ser um emprego que distrai... não incomoda os desgraçados radiouvintes.

★

Então as estações amadoras deixam de ser centralizadas ou não?

Agora não se percebe a razão porque não hão-de trabalhar independentemente, dado o terem findado as razões que motivaram a centralização!

★

P. P. P. são as iniciais de um programa congénere do nosso jornal, que um grupo de rapazes, bem tratantés, simpáticos e sem gode — gode chamo eu aos bigodes formados por uma só peça — atiram para o ar, todas as terças-feiras, ás 20 horas.

Eles atiram ao ar os programas e nós, quando os ouvimos, atiramos os aparelhos... ao chão.

★

A Emissora Nacional fez uma reportagem da canonização de João de Brito, directa de Roma.

Felizmente que há jornais... para a gente ver, depois de ter ouvido, como é que as coisas se passaram.

DIAMANTINO FARIA

farto de trabalhar, desde que casou, apesar de ter declarado que deixaria de o fazer.

★

Costuma dizer-se que «quem cala consente». Ora os belgas consentiram, pela certa, os filmes portugueses que lá foram, ao Festival Internacional, porque se calaram. Isto é: não disseram sequer que lá tinham ido.

★

Continuam a chover, nos escritórios da Cineditora, pretos, pretas, mulatos e mulatas... para figurarem na película «Tragédia de Timor», que Fernando Garcia vai realizar.

Se o filme tiver tanta luz como um que fez o sr. Braz Alves mesmo os figurantes brancos parecerão pretos.

Aí é que está a habilidade.

★

Estreou-se o documentário «Aqui Portugal».

Então o sr. Armando Miranda aproveitou o título do Francisco Bastos? Com autorização?

VÁ AO COLISEU!

Porque lá encontrará, em qualquer época do ano, o seu espectáculo preferido!

O Coliseu dos Recreios, é o local preferido pelo lisboeta de bom gosto!



FACTOS FEITOS

HÁ três dias que terminaram as Festas da Cidade. Foi pena! Agora que a gente estava a gostar é que acabou! Agora que já estávamos habituados às canecas a «corôa» da Feira do Vinho, é que temos de voltar à realidade das «meias-latas», a quinze tostões, de quantos feirantes infestam a urbe das tripas! É bem certo que o que é bom, acaba sempre... E poderá haver coisa melhor do que uma caneca de vinho?

— Tem razão, amigo Pafuncio!
— Há, sim, senhor: duas canecas!

Como ultimos numeros do grandioso programa, efectuar-se na passada quinta-feira, uma luminosa Marcha Luminosa, organizada por pessoas com lume no olho, e um grande festival no rio, com cadeiras a 50\$00!...

Para melhor se poder observar a luminosidade da Marcha, apagaram-se todas as luzes das artérias percorridas por ela. No dia seguinte o jornal relatava uma enorme quantidade de nomes de individuos que tinham sido apanhados «com as mãos nos bolsos alheios» (quase sic). Coitados! Pois se eles não viam! Como é que podiam saber, às escuras, se metiam as mãos nos seus bolsos ou nos dos outros?...

EDURISA, FILHO

COISAS DO PAFUNCIO

HÁ dias, encontrei o meu amigo Pafuncio numa zealorada discussão futebolística á porta da Brasileira. Fiquei banzado! O Pafuncio a discutir futebol?! O Pafuncio, tão amante das belas-artistas e das visitas dominicais aos Museus, a interessar-se pela bola?!... Era lá possível...

Mal me viu, chamou-me, fez-me abancar á mesa e cravou-me num café: era evidente que se tinha convertido ao «dá-lhe nas canelas»... Os amigos debandaram, e eu, ainda meio espantado, consegui proferir:

— Estou admirado, amigo Pafuncio! Você que não pedia ouvir discutir futebol, V. que tinha horror aos que o praticavam, V. que dava tarceias mestras no seu filho quando ele rompia as solas atrás de uma bola, a interessar-se pelo joguinho?!... Estou admirado!...

— E' como vê, meu amigo! O Futebol é o grande desporto! O Futebol é o unico ramo em que devíamos empregar a nossa actividade! O Futebol é tudo!!... O que eu dizia antes, o meu amor ás Belas-Artes, ao Teatro, á Musica esvaiu-se. O meu filho já me perdoou as sovas que lhe dei e agora joga comigo a bola na sala de jantar. Outro dia, o jogo foi tão animado que até partimos dois cálices, daqueles das visitas, um licreiro, que eu tinha dado á patroa pelo 10.º aniversário do nosso nó, e um jarrao da China ou quase!

— Mas isso foi um desastre!...

— Qual desastre, qual carapuça! O que havia de ser da Industria Nacional, se não fosse o Futebol? Como é que eles poderiam vender mais jarraes antigos da China, se não houvesse quem jogasse a bola para partir os anteriores? O Futebol é tudo!...

— Mas V. não costuma ir aos desafios!

— Ai não que não vou! In-da outro dia fui ver o Vasco da Gama. Olhe: ao Teatro é que eu não torno a ir! E' uma roubalheira!... Um tipo dá 30\$00 para ir ver um espectáculo, que as mais das vezes não chega a custar duzentos contos, e ainda por cima tem de estar sentado nas primeiras filas, sem ter acção, movimento, sem ninguém que lhe dê canceladas, sem ter a emoção de desconhecer qual é o parceiro que lhe vai roubar o cordão e o relógio, sem apanhar uma soalheira ou carga de água!... Ao menos no futebol tem-se disso tudo. Eu dei 20\$00 por ir ao Vasco da Gama; peguei menos, como vê, e gosei mais... E' certo que estive de pé, mas se me quisesse sentar era só dar mais 100\$00 e ia para a bancada, levar pontapés nas costas... O Teatro é um roubo, o Futebol é que é tudo! E para lhe provar que o Futebol não é roubo nenhum basta ver o que se passou com o Vasco da Gama... Vêm quinze tipos lá do Brasil, fazem esta despesa toda e só realizam quatro jogos... Ora se cada desafio tiver metido 30.000 pessoas, á média de 50\$00 o bilhete, só apuraram seis mil contos!... Já está a ver que não podem ter ganho muito...

— Pois sim, mas eu não gosto de futebol! Não lhe encontro valor cultural!

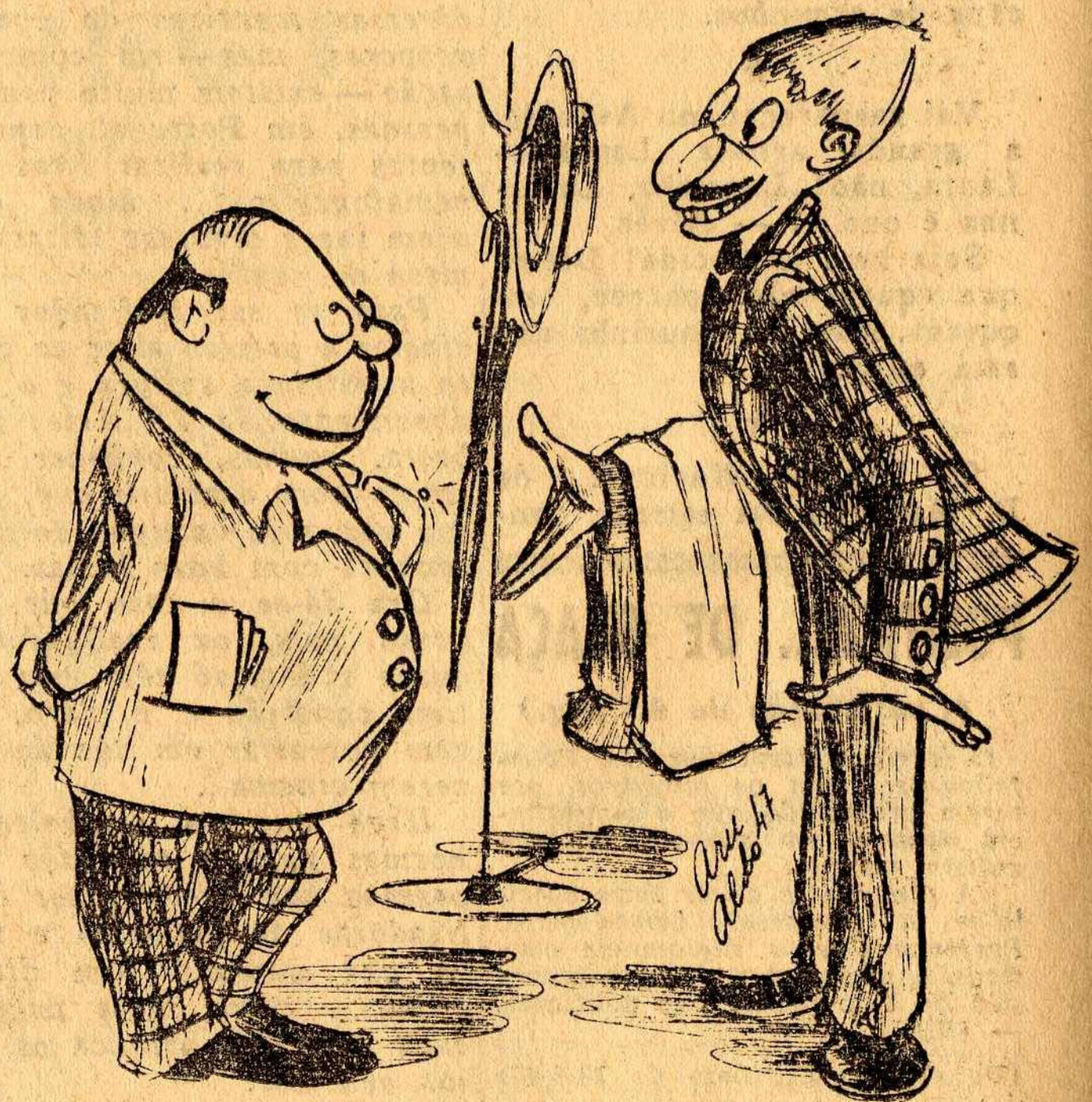
— Hom'essa!! Pois olhe que ali há muito caco! E os jogadores, na sua maioria, são muito inteligentes! Olhe que aqui na Brasileira há jogadores que dizem assim: «Oh, pá! Vê lá se o jornal fala de mim!» E o pá lê-lhe o artigo uma vez e não precisa de repetir, que aquele fica logo a saber... Basta ouvir ler uma vez!!... O Futebol é tudo! E, para o quê, você veja: Os jornais não falam noutra coisa!

Até já dizem que os melhores diários desportivos são: o «Comércio da Bola», o «Janeiro da Bola» e o «Notícias da Bola»... Eles realmente em pouco mais falam, mas, também, que interesse pode ter um maluco que faz exposições de pintura, um «chalado» que escreve livros ou um lorpa qualquer que salvou milhares de vidas com um remédio da sua invenção? Nenhum! Se o Futebol é que é tudo, porque é que esses maduros não vão jogar a bola?!...



Fugi horrorizado! Pafuncio veio atrás de mim e disse em voz baixa:

— V. desculpe! Ali, na Brasileira, temos de dizer bem da bola, senão arriscamo-nos a apanhar nos queixos. E cá fora é a mesma coisa: o Futebol é em toda a parte, o Futebol é tudo!...



— O senhor pretende ertão a mão de minha filha?
— A mão... sim, a mão, mas com os anezinhos e pui-seiras que ela usa.

O RELOGIO APREENDIDO

TRÊS homens fardados, conversavam sentados a uma mesa.

— O que eles mais apreciavam, eram os relógios — disse o major — Sabem que no Cairo, eram capazes de vos apertar a mão num cumprimento efusivo e murmurarem um «Oh perdão, não era quem eu supunha», afastando-se entre mil desculpas, com um relógio que lhes tinham cortado pela pulseira, com uma lamina.

— Vá lá, que ainda assim eram razoáveis — acrescentou pensativo — podiam também cortar os pulsos! Foi assim que eu fiquei sem um, que valia 50 libras, e que comprara por cinco, a um italiano, em Bengazi.

O capitão aproveitou a deixa, para mostrar que também tinha viajado.

— Conhece Teherão?

O major fez um sinal que parecia de afirmação.

— Pois em Teherão, ainda faziam melhor do que isso. Conheci um rapaz que usava uma pulseira de aço, e mesmo assim, conseguiram tirar-lhe o relógio, sem que desse por isso. Foi em 1944... — acrescentou, como a provar a possibilidade do caso.

— Devia estar um pouco «tocado»...

— Sim, um tanto...

Então, o major voltou-se para outro major que ali se encontrava:

— E você, não tem nenhuma história a contar-nos?

O outro, pediu mais uma cerveja ao criado e acrescentou:

— Tive um relógio que era o meu encanto, pois era antiquíssimo. Meu pai dera-mo, para ir á Escola, e era duma precisão assombrosa. Que orgulho eu tinha nele!

Pois perdi-o da seguinte maneira:

— As escolas primárias não são, geralmente, grande coisa, mas a minha, creio que era a pior de todas. Dizia-se que era a mais indicada, tanto para meninos aplicados e bonzinhos, como para os cábulas. Bons ou maus, o que é facto é que todos nós tínhamos frieiras e passavamos fome.

Segundo os regulamentos, sempre que algum de nós praticava um acto louvável, estava dispensado da aula, para fazer um trabalho caseiro. Com o andar dos tempos, os nossos afazeres domésticos fo-

ram aumentando, cada vez que uma criada era despedida, e chegavamos a estar tão ocupados com a limpeza das charretes, compras, lavagem do chão, e arrumação dos quartos, que já ninguém estudava.

Todas as noites, antes de nos deitarmos, davamos um beijo á mãe da Directora, que usava uma pala negra sobre um olho, e tinha aquele cheiro peculiar das pessoas que andam sempre vestidas de preto.

— E o relógio? — observou o outro major.

— Lá chegaremos — respondeu o narrador. — Pois bem... Uma vez, apareceu um novo professor, o que aliás sucedia frequentemente, mas este era diferente dos outros. Chamava-se Sucherwith, um rapaz muito novo e simpático. Possuía uma moto e fora um bom jogador de hockey; gostámos dele.

Contudo, tinha uma embaração pelos alunos que olhassem para o relógio durante a aula. A princípio, ainda levava o caso para a brincadeira:

— Bom... Hoje nada de olharem para o relógio, sim? Aquele que for apanhado, tem de escrever 25 linhas de cópia!

Mas á medida que o período lectivo avançava, ele ia-se aborrecendo com o caso e chegou a confiscar, dois relógios por semana.

Eu estimava tanto o meu, que receava perde-lo e por isso deixava-me estar muito quietinho e, limitava as minhas diabruras a deitar, na aula, de vez em quando, uma bombinha de St.º António.

A tempestade estalou a três dias do fim do período. Era



um sábado. Estávamos na grande sala de estudo e o professor lia-nos umas passagens do Rob Roy. De repente, ergueu a cabeça justamente no momento em que o asno do Simpson, um dos nossos colegas, olhava disfarçadamente para o seu «Ingersoll». Sucherwith quase rebentou. Não nos meteu medo, mas vimos, mesmo assim, que tinha atingido o limite da paciência.

— Passei o período inteiro a avisá-los de que não queria que olhassem para os relógios! — gritou. — Pois bem, vão sofrer agora as consequências da vossa teimosia. Entreguem-me todos os relógios!

E lá se foi o meu, juntamente com outros vinte e três. Pois nessa mesma noite, o nosso mestre fugiu com uma corista do Follies. Nunca mais soube dele!

O major que primeiro falara, não parecia estar muito á vontade, a julgar pela respiração ofegante; meteu a mão na algibeira e de lá, tirou um relógio.

— Será este o seu? — perguntou.

O outro major, pegou-lhe, mirou-o, remirou-o e fez um sinal de assentimento.

— Sim, mas...

— O meu nome já foi Sucherwith! — interrompeu o major, deixando a cerveja e pondo-se de pé, precipitadamente. — Eu entrego-lhe, por ter contado tão bem a história. Está quase tudo certo, embora o

texto não fosse o Rob Roy. Desculpem-me, mas tenho de ir apanhar o combóio. Desapareço outra vez. Volto para a minha corista!

Fez um cumprimento rasgado e saiu do restaurante, fechando energicamente a porta, atrás de si.

— O que vai fazer? — perguntou então o capitão ao major, atônito pelo imprevisto da cena.

— Nada — retorquiu o outro, com um sorriso, e guardado o relógio. Embora tenha que lhe pagar a conta, ganhei um relógio!

— Que quer dizer?

— Olhe, sabe que mais? Aquilo não se passou na minha escola. Eu tive sempre professores particulares!

E chamando o criado, mandou vir mais cervejas...

(Traduzido e adaptado do «Men Only», por Maria de Lourdes).

ANEDOTA BRITANICA

UM inglês naufragou um dia, e a muito custo conseguiu chegar em cima de uma jangada improvisada, até uma ilha deserta, que, por felicidade, tinha árvores de fruto e outros alimentos que o salvaram de uma morte certa.

Passaram-se meses, e quando o inglês se habituara á monotonia local, ao olhar para o horizonte, na esperança de encontrar o barco salvador — hábito que fazia parte do seu programa diário — viu ao longe qualquer coisa ao sabor das águas, aproximando-se de terra.

Era uma jangada, com uma formosíssima naufraga americana, bastante despida,

Ao pôr pé em terra, ficou radiante por encontrar um companheiro de infortunio.

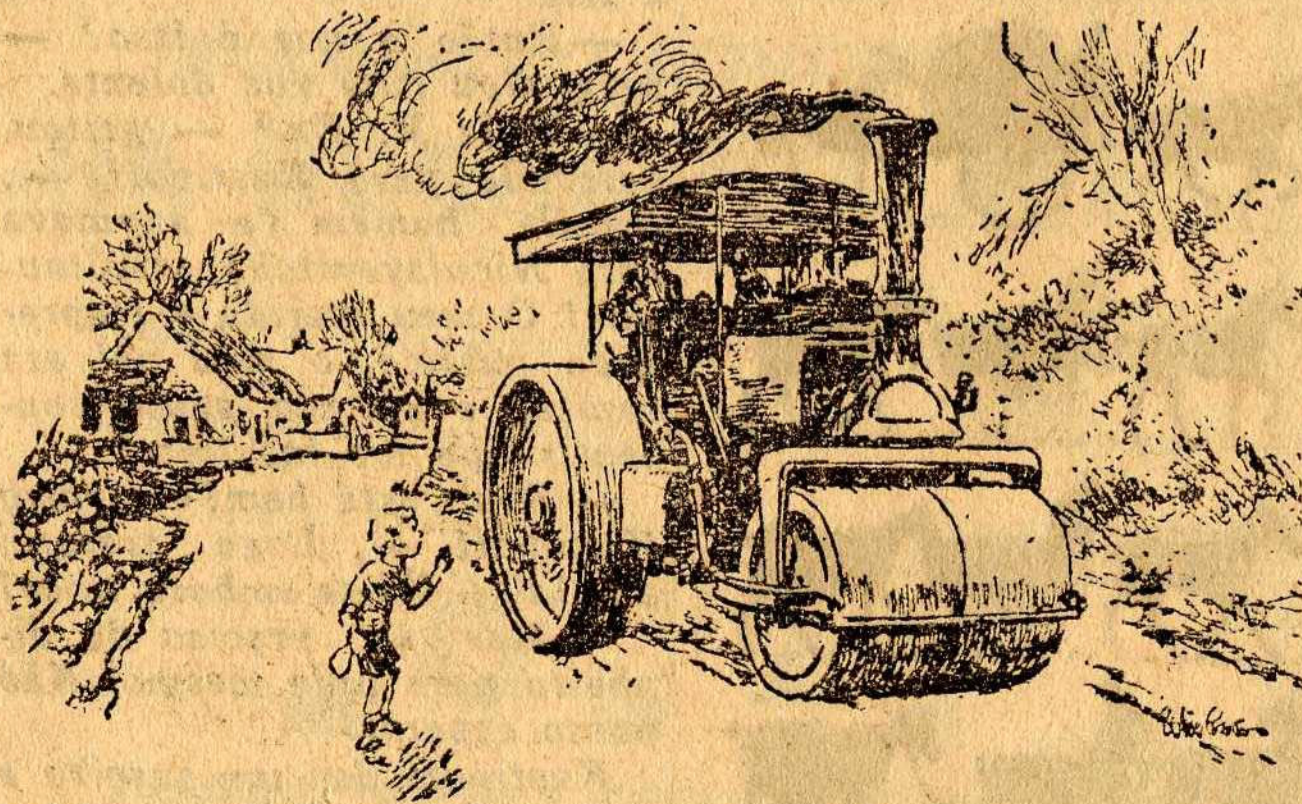
— Há quanto tempo você aqui está? — perguntou ela.

— Há uns seis meses...

— Então trago-lhe a melhor cura para o seu aborrecimento...

E ele, muito interessado:

— E' alguma garrafinha de whisky?



— D' cavalheiro! Faz favor parte-me está noz?

(Do «The Humorist»)

UM GRANDE EXCLUSIVO DO «RISO»

A NESPEROLANDIA

(HISTÓRIA DUM PAÍS IMAGINÁRIO)

(Continuação do numero anterior)

«Considerando os interesses «de um e outro lado, vistos e «revistos os tratados em vi- «gor, a Nesperolandia não po- «de deixar de sentir-se feliz «em poder afirmar ao Mundo, «que, perante tão gravíssimos «problemas a sua posição es- «tá tomada e é nitidamente do «lado que lhe compete, em «obediência ao programa tra- «dicional que orientou sempre «a sua política num desejo de «Justiça e de Paz, conquanto «— e isso ninguém poderia le- «var-lhe a mal — o programa «possa ser alterado por qual- «quer motivo imprevisto...».

Era um grande rei, este Marmelo!...

Estava, porém, destinado a morrer, não de morte macaca, como quase todos os reis, mas sim de morte bem natural para um marmelo: assado!

Assim mesmo: D. Marmelo morreu assado e isto é rigorosamente histórico, podendo toda a gente comprová-lo nas enciclopédias, nos códices e crônicas da época. A coisa foi assim:

Por ocasião duma festa no palácio, comemorando as bodas de prata do seu reinado tão reinado, houve qualquer desastre na instalação eléctrica. Verificada a ausência do Electricista-mor, o real personagem, especialista em rasgos de audácia, avançou imediatamente para o Quadro Geral, calculando que «a coisa era dos fusíveis».

Convém salientar que o rei, dedicava-se, nas horas vagas, á prática de electricista, para o que demonstrou desde tenra idade uma habilidade invulgar, aliás comprovada pela importante verba com que anualmente se inscrevia no Orçamento destinado á aquisição de lâmpadas para as residências reais. Procurava desta forma, o rei, seguir na História o perfil do seu ilustre e desventurado colega Luís XVI, do qual ficaram célebres as qualidades de serralheiro.

Naquela noite, D. Marmelo provou pela ultima vez a sua habilidade declarando uma boa duzia de curtíssimos cir-

cular, em dez minutos, numa fornalha imensa onde D. Marmelo se assou muito comodamente, de mistura com todo o açúcar das suas dispensas.

Este trágico acontecimento foi mais tarde cantado pelo insigne poeta «Barbas de Grilo» num poema de vinte e cinco cantos, em nada inferior á Iliada, e que o seu autor baptizou de «Marmeliada», ou, como pretendem os modernos filologistas, «Marmelada».

Falando de poetas, pareceria mal — mesmo a uma Parceria editora — ocultar aos estudiosos o que de melhor produziu a Nesperolandia para o Mundo das Artes e das Letras.

ARTES E LETRAS

Dos primitivos nada há a salientar, á parte alguns trabalhos em carvão de nespera que figuram no Museu Etnográfico de Nesperina.

Porém, na segunda metade do século XV aparecem os primeiros documentos artísticos de valor, de entre os quais avulta como obra-prima de escultura a célebre estátua da «Pulga», representando uma pulga em tamanho natural, cuja expressão tem dado lugar aos mais variados comentários dos mais eminentes críticos de Arte de todo o Mundo. A mis-

INCONVENIENTE DE IR O CARRO ADIANTE... DO CAVALO



por

TRISTÃO JORGE

teriosa expressão da «Pulga» é, para alguns, tão indefinível como o tão discutido sorriso da Gioconda.

Na Pintura, existem não menos valiosas obras representativas da Arte indígena dos nesperolandeses, que foram sempre conhecidos como grandes «pintores». O formosíssimo quadro «CARRIS...PANA» é um audacioso golpe de vista sobre a evolução dos transportes, representando um carro eléctrico dos que já hoje

muito raramente aparecem na carreira do Rio de Janeiro. Visionou-o o autor absolutamente parecido com aqueles de que ainda nos recordamos com saudade, não faltando o pormenor do «alicate» empunhado pelo condutor, na atitude de S. Jorge, erguendo a lança sobre o monstro demoníaco. Não esqueceu também o eminente artista a composição da Plataforma da recta-guarda, muito parecida, com os seus cinquenta e tantos figurantes, um dos quais, em primeiro plano e apoiado no estribo da «gaiola», mostra uma expressão tão eloquente, que, todos os críticos são unânimes em reconhecer que ele tem esta frase na ponta da língua: — «Tenho assinatura... já mostro.»

(Continua no próximo numero)

UMA MULHER INDEFESA

(Continuação da 5.ª pág.)

dize-las á sua mulher! Mas a mim, não lho consinto!

Nicolayevitch exclamou com voz rouca:

— Ponha-se já daqui para fora!

— Hein? Que é lá isso? O senhor atreve-se a querer pôr-me na rua? Isso nunca! Sou uma pobre mulher indefesa e não permito que me insultem. Ora deixa estar que mas vais pagar todas! Aonde está o sr. general? Ó sr. general! Sr. general!

Naquele instante, ústinoff entreabriu a porta do seu gabinete e dirigiu um olhar para a sala.

— Então o que é isso? — perguntou com voz dolente.

— Veja V. Ex.ª — gritou, correndo para Kustinoff —. Aquele homem (e apontava para Nicolayevitch), insultou-me! O meu marido é empregado publico, o meu pai era capitão e eu não posso consentir que me insultem!

— Bem, está bem! — gemeu Kustinoff —. Logo tratarei do caso... Vá-se embora, ande!

— Mas eu preciso do dinheiro para hoje mesmo. Não posso esperar!

Kustinoff deu um suspiro e passou a mão pela fronte esvaída:

— Ó minha senhora! Eu já lhe expliquei tudo! Isto aqui é um Banco, uma empresa particular, e portanto não lhe podemos ser uteis em coisa alguma.

A sr.ª Tchukin escutou-o com atenção e por fim disse:

— Sim, bem compreendo, mas já estive em toda a parte. Só V. Ex.ª pode resolver o assunto! E se o atestado médico lhe não basta, posso mostrar-lhe também o da Policia.

Uma nuvem de sangue obscureceu a vista de Kustinoff.

— Quanto é que a senhora tem de receber?

— Vinte e quatro rublos com trinta e seis «kopecks».

Kistinoff puxou da carteira, tirou de lá uma nota de vinte e cinco rublos e deu-a á sr.ª Tchukin.

— Pegue... e vá-se embora!

Quando ela por fim saiu, Alexey Nicolayevitch mandou buscar brometo para todos os empregados do Banco. Mas a sr.ª Tchukin ainda esteve cerca duma hora lá em baixo, á porta, fazendo dores de cabeça ao porteiro.

(Condensado do livro «A Sala n.º 6», de Anton Tchekoff, traduzido por João de Sousa Fonseca e Alvaro Maia, em versão livre)

A ESTRADA

(Continuação da 7.ª pág.)

quilómetro da estrada. Apertou a buzina, que lançou um uivo estremecedor; moveu uma alavanca a 120 á hora, pela estrada poeirenta.

Poucos dias depois, o sr. Brey, dono da fábrica de automóveis do seu nome, conferenciava com Dupont, o famoso corredor da casa. A noite estremeceu-os o largo clamor duma sereia, dolorida e terrível como o dum monstro na agonia. Apareceu então, veloz e desapareceu.

te estava estranhamente profunda e densa...

— É um «Leuter» — disse o sr. Brey.

— Um «Leuter» de turismo — confirmou o mecânico —. É o carro fantasma do pobre Vidal.

— Já o viu mais vezes?

— Mais duas.

— E eu também. Todas as noites passa por esta estrada.

— Calculo que faz em cada jornada, uns mil quilómetros; nunca pára; é um verdadeiro «record» de resistência, Dupont.

— Sem dúvida.

— Que diz a isto, Dupont?

— Digo que é um automóvel fantasma!

— Pois asseguro-lhe, Dupont, que estou envergonhado de que esse automóvel, por muito spectral que seja, bate os nossos «Breys». Um «Leuter», uma porcaria dum «Leuter»! É um réclamo portentoso para essa imunda marca, Dupont!

— Assim é; os «Leuter» venderam mil carros mais na última semana.

O sr. Brey continuou a sua ginástica no gabinete. Súbitamente deteve-se ante o «ás» e pôs-lhe uma das mãos no ombro.

— Se você quisesse, Dupont... Esse César Vidal nunca pôde competir consigo...

— Ao pé de mim, nunca passou de um amator.

— Se dispuséssemos doutro carro-fantasma... de um «Brey» fantasma...

— Fariamos 1.200 quilómetros no mesmo tempo...

Os leitores recordarão a catástrofe da feira de S. Justo. O «ás» do volante, Dupont, guiando um «Brey» de turismo, recém-saído da fábrica, atropelou quarenta pessoas, metendo-se a toda a velocidade

entre a multidão, e, chocando depois contra o muro. Julgou-se que o condutor tinha enlouquecido, mas a verdade só a conhece o sr. Brey.

Desde então, qualquer pessoa pode ver os dois fantasmas devorando a estrada numa competência implacável e diária. O «Brey» tem batido todos os «records» do «Leuter».

(Condensado do livro «Os Fantasmas», de W. Fernandez Flórez, traduzido por Rogério Perez)

«O HOMEM MONTANHA»

(Continuação da 10.ª pág.)

extracrdinário, uns pulmões com uma enormíssima capacidade. Pois uma noite, assistia eu a uma sessão cinematográfica, inspirei tão profundamente que toda a gente que estava na sala morreu com falta de ar, incluindo os intérpretes da «fita».

— Ena, pai! — embasbacamos! Diga-nos agora, para terminar, qual é o seu golpe favorito.

— O golpe que mais uso é aquele em que meto a mão pela boca abaixo dos adversários, depois o braço todo até me sair um medo pelo outro buraco do corpo das vítimas. Então, finco aí o dedo, puxo com força e deixo-os virados do avesso.

★

Então, leitor? Continua a duvidar??... Ah, sim! Continua!... Eu também, sabe?... Mas não digo nada!...

UMA ALMA NUM BAR

(Continuação da 6.ª pág.)

para a minha chávena. O rosto tornou-se-lhe muitíssimo pálido, e a sua boca uivou numa voz sufocada:

— O senhor não me dá essa chávena para me prestar um serviço: dá-ma para se ver livre dela, porque já percebeu que um homem, num «bar», segurando uma chávena em cada mão, é ridículo.

Tudo se calou um instante no «bar» e invadiu-o uma atmosfera de pesadelo.

— Sim — prosseguiu —, o senhor é ridículo, e eu quero que continui a sê-lo. Para seu castigo... Oh! longe de mim a ideia — se bem que sinta o estômago um pouco vazio — de beber esse café para lhe ser prestável, ao senhor.

Logo uma decisão amadureceu no meu íntimo e realizei-a imediatamente. Isto é, bebi o café que tinha á direita, bebi em seguida o café da esquerda, e, colocando as duas chávenas vazias sobre o mármore, em frente da menina que me servia, perguntei-lhe, com voz serena:

— Quanto é?

— Uma lira e vinte.

O meu antagonista estremeceu todo, dos pés á cabeça.

— Quanto a si — disse-lhe eu com doçura — quanto a si, meu caro senhor, peço-lhe que aceite um conselho liberal: vá bugiar outro.

Ele abriu já duas ou três vezes a boca, para falar, mas das profundezas da sua garganta não chegavam acima senão uns murmurios sufocados. Tentei auxiliá-lo:

— Que quer o senhor dizer-me?

O meu auxílio foi eficaz:

— Esforçava-me por descobrir que nova exploração da minha pessoa o senhor vai empreender, com os seus últimos actos e mesmo com o seu conselho, cujo alcance não atingi. É esta a primeira vez, a primeira vez em quarenta anos de existência, em dezanove anos de maioridade, em quinze anos de emprego na Camara Provincial, que não consigo interpretar o vexame, que o senhor se prepara para me infligir. E isto mata-me. É o meu fim, senhor: sinto que chegou a hora da minha morte. Mas fique o senhor sabendo: eu morro por sua causa; sabe-o, ó minhas quatro meninas, se eu não sair daqui senão no estado de cadáver, a responsabilidade deve recair sobre este cavalheiro, que de subito me tirou debaixo dos pés a terra que eu pisava, que suprime a minha razão de existir, que me arrebatou o ar que eu respirava; sobre ele, e sobre vós também!

Pontuou o discurso com um tão belo gesto de tenor, que imediatamente as quatro raparigas voltaram a sentir-se apaixonadas por ele, como no princípio: desta vez, porém, com tamanha violência, que se apolaram nas manivelas opacas e premiram-nas, de tal jeito que brotaram das máquinas explosivos jactos de vapor, os quais depressa espalharam tempestuosas nuvens ao redor dos rostos e dos corpos das criaturinhas, abrangendo todo o balcão; e, ganhando sempre espaço, não tardaram a envolver o infeliz homem do chapéu de côco (o qual desapareceu da minha vista, como se a ígnea tormenta o tivesse tragado) e logo subiram até ao teto.

Para afectar presença de espírito, acendi um cigarro; depois, recuando aos passinhos leves, alcancei a porta de saída do «bar» patético, como se nada tivesse sucedido; e nunca mais tive ensejo de voltar lá.

(Condensado do livro: «O Congresso que sorri», de César Frias)

BOLETIM DO CONCURSO:

«HÁ HORAS FELIZES!»

Nome:

Morada:

— O — 2 —

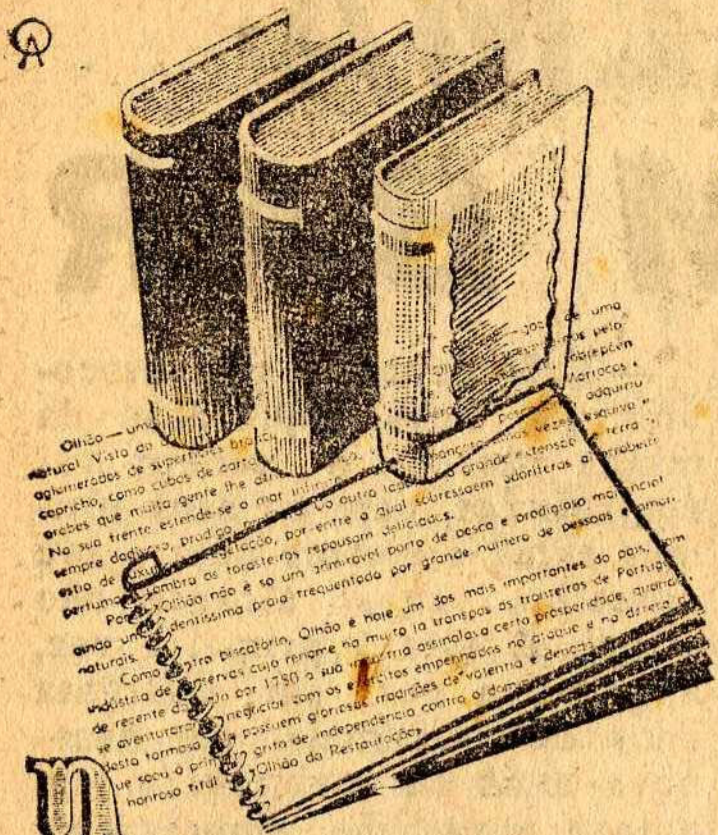
Preencher, recortar e enviar á redacção.

ASSINATURAS

6 meses (26 n.º) 35\$00

12 » (52 n.º) 70\$00

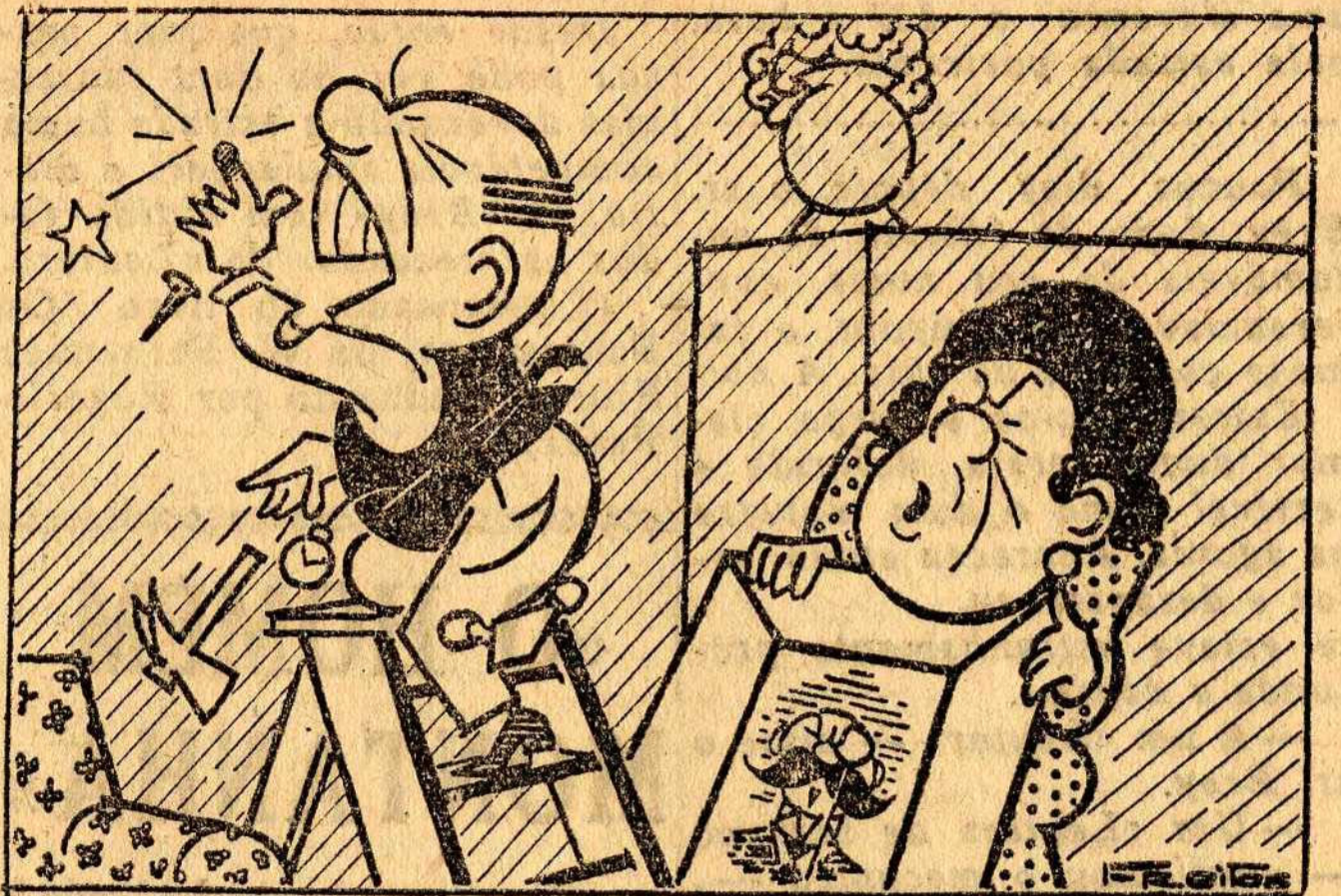
Pedidos para a nossa Administração.



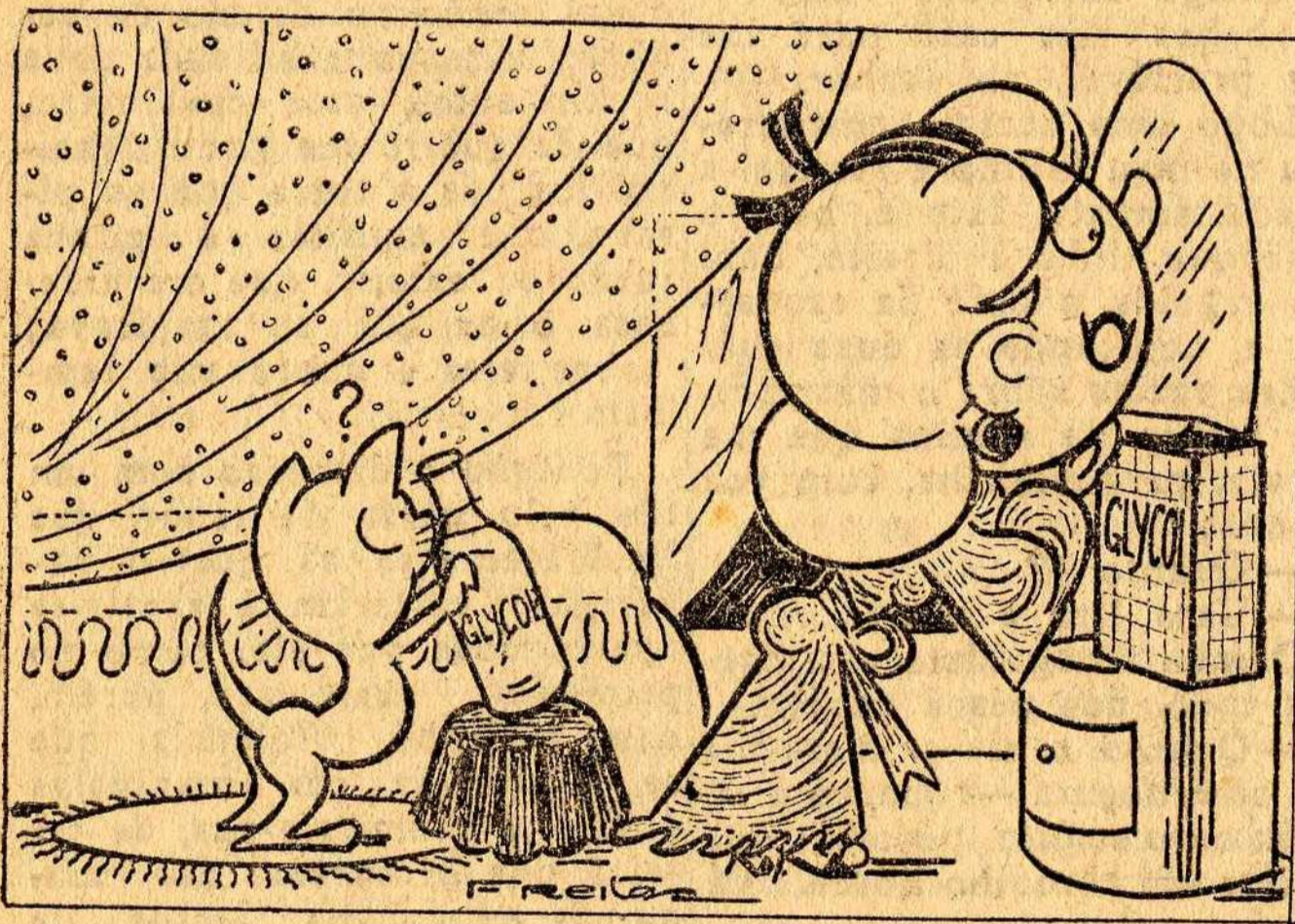
ESTA GRAVURA NÃO DIZ MUITO BEM COM A SECÇÃO... CONSIDERAREMOS, POR ISSO, BERTRAND IRMÃOS, L.^{DA}, COMO A VITIMA SÉRIA DESTA SEMANA.

AS OBRAS DE GRANDE CLASSE
AO MAIS MODESTO TRABALHO TIPOGRAFICO
BERTRAND IRMÃOS, L.^{DA}
As mais completas oficinas gráficas do País
Travessa da Condessa do Rio, 27 - LISBOA
Telefones P. B. X. 21227 21368

AS VITIMAS DA SEMANA

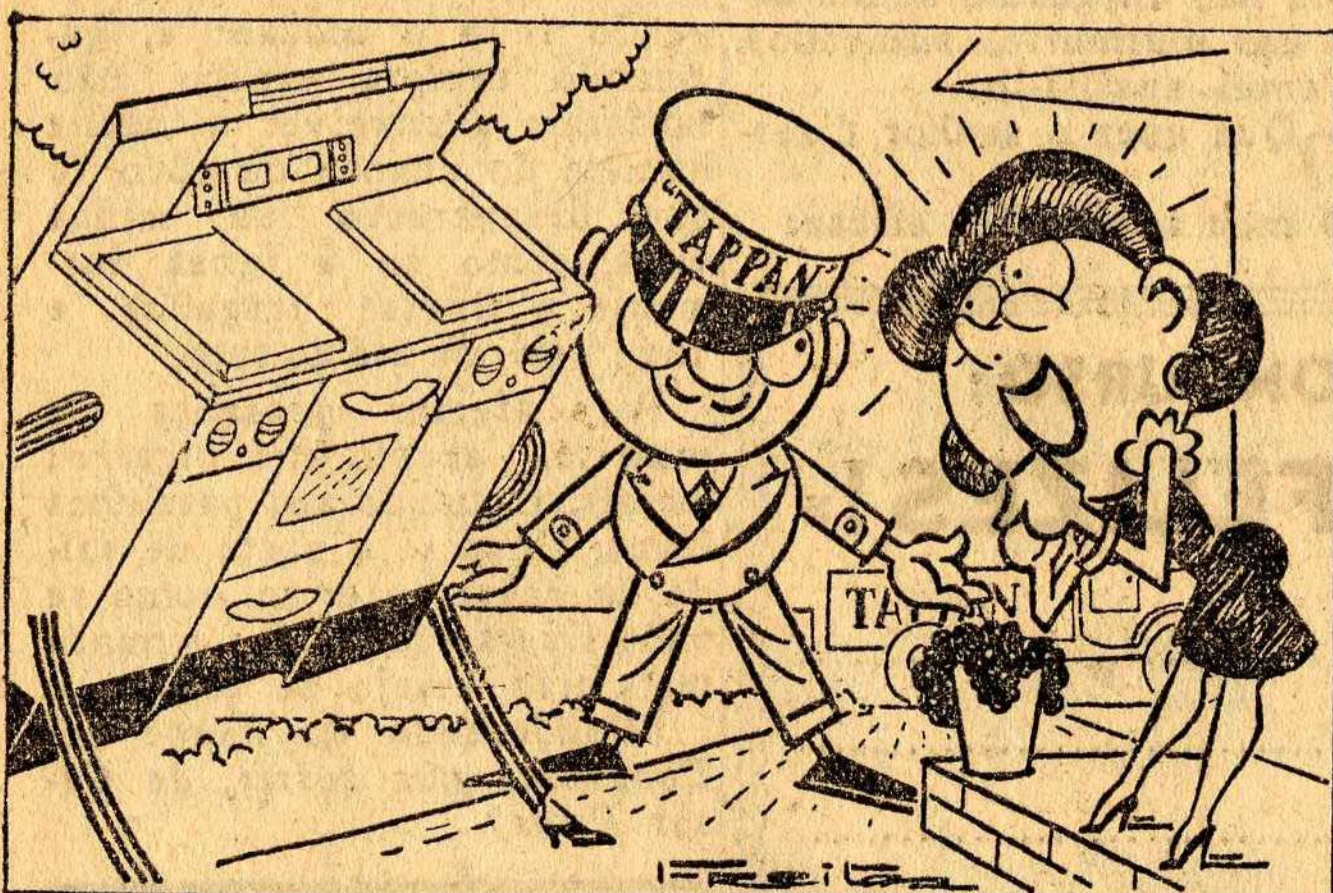


— Irra!... Porque não há lampadas «Philips» cú em casa?



Até o gato, ao ver a pele maravilhosa da dona, quer usar o «Glycol»!

COURAÇA
UM NOME! UMA MARCA!
UMA GARANTIA!
PONHA UMA COURAÇA
NOS SEUS DENTES USANDO
COURAÇA



Esta senhora ficou de boca aberta para toda a vida!
E o caso não é para menos: trata-se dum fogão Tappan!



Dê-lhes a sua cor natural, usando KÓRÓL, um produto das PERFUMARIAS MIMOSA e ROSA D'OURO na Rua Aurea.
Não crie mais cabelos brancos por causa dos seus cabelos brancos!...